

Cartilhas do Lavrador

Publicação
bi-mensal
dirigida por
**Luis
Gama**

N.^{os} 60
a
62



Edição da
Enciclopédia
da Vida Rural
PORTO

2nd ed.
1937

MANUEL
MELO

**A B C da criação
... do coelho ...**

RC
MNCT
63
MEL

As **Cartilhas do Lavrador**, que, em conjunto, virão a constituir a **Enciclopédia da Vida Rural**, são pequenos volumes, de 32 a 48 páginas publicados com regularidade, — em média dois por mês, — tratando os múltiplos assuntos que interessam à vida do agricultor.

Cada volume, profusamente ilustrado, estuda, com carácter acentuadamente prático, um assunto único, em linguagem clara, acessível, expondo todos os conhecimentos que o lavrador precisa ter sôbre o assunto versado e é escrito, propositadamente para a **Enciclopédia da Vida Rural**, por quem tem perfeito e absoluto conhecimento da matéria tratada.

O preço da assinatura é :

Por série de doze volumes, 22\$50;

Por série de vinte-e-quatro volumes, 40\$00.

O preço avulso é de 2\$50 por cada volume de 32 páginas, sendo mais elevado o daqueles que tenham maior número de páginas.

Tôda a correspondência relativa às **Cartilhas do Lavrador** deve ser dirigida à

ADMINISTRAÇÃO DAS
Cartilhas do Lavrador

Avenida dos Aliados, 66

PORTO

Sala 9
Est. 1
Tab. 5
N.º _____

ABC DA CRIAÇÃO DO COELHO

Enciclopédia da Vida Rural

DIRECÇÃO DE

LUIZ GAMA

Com a colaboração dos mais eminentes Professores do Instituto Superior de Agronomia, Escola de Medicina Veterinária, Engenheiros Agrónomos, Engenheiros Silvicultores, Médicos Veterinários e Publicistas Agrícolas.

Publicação premiada com Grande Diploma de Honra na Segunda Exposição Nacional do Milho.

Reservados todos os direitos de
propriedade, nos termos da Lei.

CARTILHAS DO LAVRADOR



3.417

ABC DA CRIAÇÃO DO COELHO

POR

MANUEL DE MELO

(Ilustrado com 39 gravuras)



Rc
MUCr

63

COE



EDIÇÃO DA
ENCICLOPÉDIA DA VIDA RURAL

Agosto de 1936
PÓRTO



CARTILHAS DO LAVRADOR

ABC DA CRIAÇÃO
DO COELHO

MANUEL DE MELO

IMPRESA MODERNA, LIMITADA

RUA DA FÁBRICA, 80 — PÔRTO



ENCICLOPÉDIA DA AGRICULTURA

ANEXO N.º 127

1952

UM FOLHETO BELGA, DE PROPAGANDA CUNICULÍCOLA, QUE SERVIRÁ DE INTRODUÇÃO E PROGRAMA

Há anos passou-nos pela mão um interessante folheto, editado pelo Ministério de Agricultura da Bélgica, destinado a propagandar as boas práticas da criação do coelho. Ilustrado com elucidativas gravuras, as mesmas adiante reproduzidas, lia-se com prazer; era sugestivo. Resolvemos traduzi-lo e aproveitá-lo para tornar conhecida, das nossas gentes, a criação do utilíssimo animal, idea que entusiasmou uns quantos, mas que do entusiasmo não passou, como tantas vezes sucede.

Mostrando o escrito ao organizador desta pequena enciclopédia agrícola, que são as *Cartilhas do Lavrador*, foi-nos sugerido que o ampliássemos, aqui e além, para esclarecer alguns pontos, apresentados talvez de forma demasiadamente concisa.

Por mal nosso — nosso e dos leitores dêstes livrinhos — num momento aziago acedemos à sugestão; mas ao tentar cumprir, vimos ser, para nós, difícil o empreendimento. Aventamos uma escusa, que não foi aceite.

Como resolver a dificuldade?

Transcrever, na íntegra, ou quási, Pullinckx-Eeman, autor do folheto, e juntar, depois, algumas palavras nossas?

Pareceu-nos êste o melhor caminho para sair do embarço. Vai pois ler-se, nestas primeiras páginas,

Coelhos pèssimamente alojados



Criadores de coelhos: empregai os melhores esforços para alojar bem os vossos animais; sereis largamente compensados

uma pèssima tradução do que escreveu aquêle illustre cuniculicultor; após a má tradução seguem ligeiras notas, colhidas nos apontamentos que possuímos. E tudo constituirá o *ABC da criação do coelho*, bem mal cuidada nesta boa terra portuguesa e que merecia uma melhor atenção.

* * *

o folheto — os coelhos são alojados em vélhos e esburacados caixotes ou em sujas barricas, arrancadas ao fogo das lareiras; tudo isto, cangalhada de caixotes e barris apodrecidos, se acavala no primeiro esconso com que se depara na casa de lavoura, grande ou pequena.

A *cama* — quando existe — impregna-se de urinas; as dejecções acumulam-se e, dentro de pouco, a mais

Freqüentemen-
te — principia assim

insensível pituitária dá notícia da existência dos pobres e abandonados animais...

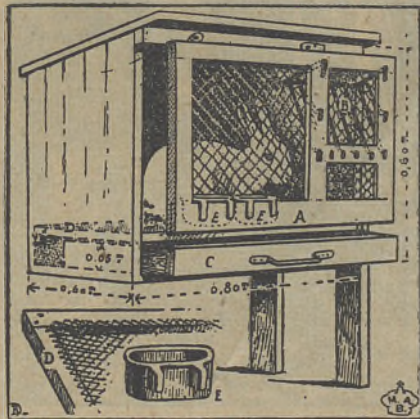
Coelhos assim criados são sempre de má qualidade, pouco apetecíveis; além disto, em tal situação, pagam pesado tributo às doenças que os flagelam.

Com tais práticas, a cunicicultura jamais poderá ser produtiva. Para que o seja, a criação deve fazer-se não promiscua, mas conservando os animais isolados, em gaiolas semelhantes à que apresentamos e cuja descrição sumária é a seguinte:

A—fundo móvel, com manjedoura para forragens. *B*—manjedoura, adaptada à frente da gaiola. *C*—Caixa ou gaveta, com fundo de zinco, que se enche de palha ou feno e onde se acumulam as dejeções do animal; esta caixa deve limpar-se diariamente. *D*—fundo móvel, em rêde metálica. *E*—vasilha em barro, comedouro ou bebedouro, para água ou papas.

Medidas: 80 × 60 centímetros; profundidade, 60 centímetros.

Coelho bem alojado



Bom, simples e económico modelo de gaiola para coelhos

Na maioria dos casos, a forragem, verde ou sêca, depois de colhida, é conservada em molhos que se espalham no pavimento, se arrumam em qualquer canto, ou se atiram para cima dos imundos caixotes, que servem de esconderijo aos pobres e desprezados coelhos,

Péssimo modo de conservar as forragens



Jamais se devem dar aos coelhos alimentos úmidos, fermentados, com mofa ou que tenham mau cheiro

caixotes a que dão, pomposamente, o nome de coelheiras económicas.

Os alimentos verdes, e especialmente o trevo e a luzerna, repletos de seiva e apertados nos molhos, uns sobre os outros, fermentam de pronto, aquecem e ingeridos pelos coelhos provocam afecções gástricas, às quais freqüentemente se segue a morte, sobretudo nos láparos.

As forragens conspurcadas pelos excrementos das galinhas são também altamente nocivas aos coelhos.

Um dos pontos de maior importância para não fracassar a criação do coelho é a boa conservação dos alimentos, sobretudo a das forragens verdes. O melhor processo de conservação consiste em estendê-las num tabuleiro ou dispô-las em suportes apropriados.

Os tubérculos e as raízes, como as cenouras, beterr-

rabas, nabos e turnepos, devem guardar-se sempre em locais sêcos; os farelos, sêneas e farinhas arrecadam-se em edificio onde não haja umidade, em caixas fechadas, para as defender dos ratos.

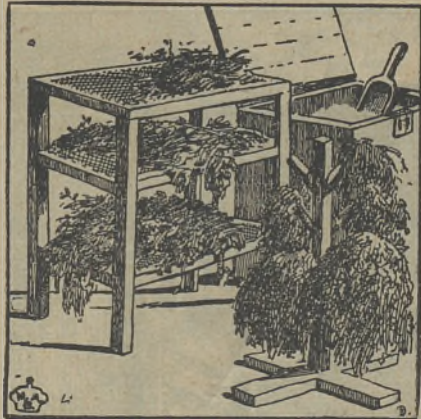
Quando as forragens se espalham na coelheira ou nas gaiolas, sôbre as camas, impregnam-se de urina, excrementos e outras sujidades; os coelhos, pisando-as, facilitam a mistura com tôda essa porcaria. Os farelos, os grãos e as farinhas costumam ser dados no primeiro recipiente que se encontra: caixas de madeira ou de fôlha, pratos ou prateiras de barro, vêlhos vasos, etc., que se voltam, entornam com facilidade, espalhando-se a

comida sôbre as palhas da cama. Julgam muitos que não é preciso dar de beber aos coelhos, supondo que estes animais passam sem água.

Os alimentos contaminados pelas dejeccões do coelho podem provocar diversas e graves doenças.

Contra a crença vulgar de que o coelho não deve ou não precisa beber, há o raciocínio de que êste animal não pode ser diferente dos outros; e todos os

Bom processo de conservar as forragens



A forragem verde não se deve guardar de um dia para outro; deve dar-se só depois de ter secado. É prejudicial dar aos coelhos forragem verde recentemente colhida

outros bebem. O que sucede é que o coelho, quando alimentado exclusivamente com forragens verdes, pode passar sem água, porque a encontra naquelas forragens; porém, como o coelho bem ou racionalmente alimentado deve comer outros alimentos, em geral pouco aquosos,

Péssimo modo de distribuir os alimentos



É indispensável modificar prontamente os processos seguidos até agora na distribuição dos alimentos. Amanhã será tarde

não tendo água ao seu alcance, sente a sede, principalmente no período em que a coelha alimenta os filhos.

As forragens devem ser distribuídas sempre manjadoras; as farinhas, os farelos e as raízes ou tubérculos em bons comedouros; e a água em bebedouros de barro vidrado.

No coelho mal alimentado, o pêlo é pouco valioso, não tem brilho e é em diminuta quantidade; conseqüentemente, a sua pele pouco vale. Geralmente pratica-se o êrro de dar exclusivamente ou excessivamente forragens verdes, úmidas ou aquecidas pela fermentação, assim como não dar água aos coelhos; também não se lhes dão farinhas ou farelos.

No coelho bem alimentado, o pêlo é abundante, lustroso e de qualidade valiosa. Para servir de tipo, indica-se o seguinte plano de alimentação:

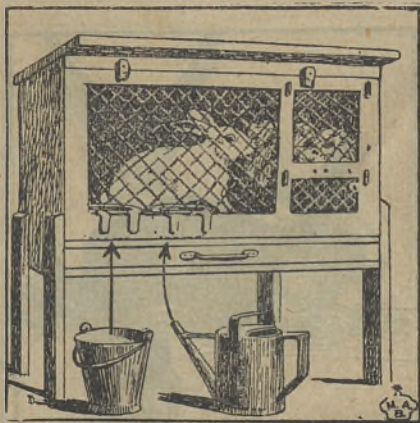
Ração de verão—*Para dez láparos.*—Forragem verde em abundância, mas de modo que os coelhos não deixem desperdícios; 50 gramas de aveia e 250 gramas de farelos.

Para dez coelhos adultos.—Forragem verde abundante, 20 gramas de aveia e 50 gramas de farelos.

Ração de inverno—*Para dez láparos.*—Um punhado de feno de luzerna, cinco cenouras pequenas ou uma rutabaga, pouca beterraba; farelos, 250 gramas.

Para dez adultos.—Um punhado de feno de luzerna, uma cenoura ou um nabo, 50 gramas de farelos e de vez em quando um pouco de semente de linho.

Bom processo de distribuir os alimentos



Uma das condições de êxito na criação do coelho é a escrupulosa limpeza dos alimentos

Geralmente desmamam-se os láparos muito cedo. Com quatro semanas, o láparo não está ainda em condições de dispensar o leite materno.

Nunca deve deixar-se um número demasiado de láparos a cada coelha. Na primeira criação, quatro e nas seguintes, seis, no máximo.

Para conseguir bons coelhos, não se devem desmamar antes das oito semanas. Apartados mais cedo,

muitos morrem, por não suportarem a crise provocada pela falta do leite materno.

O coelho malhado — branco com malhas amarelas ou escuras — tem pouco valor. Igualmente pouco valem os coelhos pequenos, a não ser que pertençam a raças

Um coelho mal alimentado é sempre um animal fraco e dá pouca carne



A alimentação mal cuidada, as rações mal estabelecidas, as forragens verdes em excesso, ocasionam doenças ou enfraquecem os coelhos

cuja pele seja apreciada pelas suas especiais qualidades.

As melhores raças são aquelas que dão peles mais procuradas pela indústria. Actualmente são preferidas as raças brancas; também se aprecia o coelho de pelagem cinzento-azulado. Em qualquer caso são mais valiosas as peles grandes do que as pequenas.

Quási sempre, ao esfolar o coelho, separa-se a parte da pele que cobre as

pernas, da restante; dêste modo não fica inteira. Quando não há cuidado, a pele rasga-se, ficando com bocados de carne aderentes, o que é prejudicial. No período da muda, a pele apresenta, pela parte interna, manchas, que correspondem aos pontos onde se está dando a muda. A pele do coelho sacrificado no inverno é sempre de maior valor.

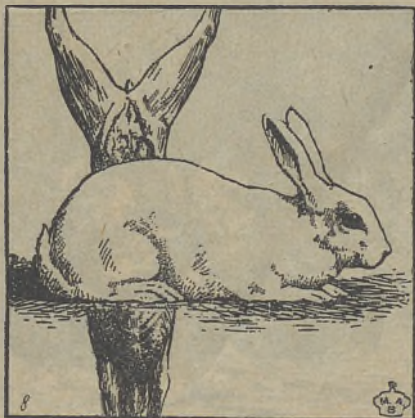
Para matar o coelho é costume dar-lhe uma pancada sêca, forte, na nuca; em seguida sangra-se, para que a carne fique bem branca. Frequentemente sangra-se o coelho, cortando a carótida ou arrancando-lhe um ôlho; porém, nos coelhos destinados ao mercado, não se deve seguir o último processo para não depreciar, pelo aspecto, o valor do animal.

Para arrancar bem a pele a um coelho dá-se um golpe a todo o comprimento, e aos lados, da parte interna dos membros posteriores e seguidamente dobra-se a pele, que se vai arrancando com o maior cuidado, para que saia inteira e sem levar, aderentes, pedaços de carne.

Muitas vezes as peles secam-se, enchendo-as de palha ou papel vêlho (jornais); é um processo condenável, pois dêste modo, a pele não seca bem, enrugá-se, altera-se quási sempre. E' também condenável secar as peles ao sol ou ao fogo.

Para conservar bem uma pele de coelho, de forma a que não perca o seu valor, deve secar-se com os

O coelho bem e racionalmente alimentado é sempre um animal forte e de abundantes carnes



Alimentem-se bem os coelhos; conjugar os alimentos sêcos, com os aquosos; não esquecer as farinhas e farelos e, sendo possível, a farinha de carne, na proporção de 1/20, em pêso, relativamente aos farelos ou sêmeas

maiores cuidados; empregam-se, para as distender, arames de ferro galvanizado, que se dobram ao meio, em forma de U, de modo a tenderem a abrir. Estes arames, assim dobrados, introduzem-se na pele, de maneira que a parte da dobra chegue ao fundo daquela. Depen-

Láparos desmamados cedo ou amamentados, em número elevado, pela mesma coelha



As ninhadas numerosas esgotam rapidamente a mãe; e como esta não tem leite para todos os láparos, estes pouco se desenvolvem

dura-se, depois, a pele em local bem arejado, mas livre do sol.

E' esta a tradução, quási literal, do folheto belga, cujo objectivo era ensinar mais pela imagem, pelo desenho, do que pela leitura. Às palavras trasladadas, que se poderiam tomar como programa para tratado extenso sôbre a criação do coelho, juntamos algumas notas pessoais.

*

* * *

Quem tenha admitido a idea de tentar a exploração cuniculicola terá feito, a si próprio, esta pergunta: Será, na verdade, rendosa a criação do coelho?

E' perfeitamente lógica a pergunta, sobretudo porque, na actividade rural, culturas ou criações que se apresentam lucrativas, feitas as contas apura-se um prejuizo. Diga-se desde já, e para arredar dúvidas, que quando isto succede é porque essas culturas ou criações foram erradamente orientadas, mal postas em prática, desprezados factores que deveriam ser tidos em conta para atingir pleno êxito.

A agricultura — assente-se nisto de uma vez para sempre — é a industria de mais seguro rendimento que o homem pode exercer. E' preciso, porém, que a saiba exercer; e poucos de tal cuidam.

Mas responde-se àquella pergunta: pode, sem receio

de desmentido, ser afirmado que a cunicicultura, abandonados antigos e errados processos, antihigiênicos e antieconómicos, é altamente rendosa.

Desejariamos referir números para convencer os incrédulos; seriamos porém levados muito longe; e até o raciocínio os dispensa.

Na verdade, o coelho é um animal que rapidamente

Uma boa ninhada é sempre pouco numerosa



Para obter coelhos de boa qualidade, os lãparos devem ser vigorosos e bem desenvolvidos; a qualidade supre a quantidade

transforma em carne, pele e pêlo, os mais variados produtos e sub-produtos da exploração agrícola. A sua carne, cujo consumo aumenta de dia para dia, é saborosa e alimentar (1). As peles, outrora consideradas artigo de luxo, são hoje indispensáveis ao homem e a maior

Não se devem criar coelhos que não tenham
raça definida



O coelho vulgar, incharacterístico, de pelagem malhada, dá pouca carne e a pele vale pouco; custa, porém, o mesmo a sustentar que outro, de raça definida, bom produtor de carne e pele

parte dos agasalhos que presentemente se vendem, dos mais modestos aos mais luxuosos, são feitos com pele de coelho.

Para se ver que assim é, basta notar que uma pele de chinchila — do *Chinchila lanigera*, do Peru ou do *Chinchila brevicaudata*, da Bolívia — custa cêrca de 50.000 francos, qualquer coisa como 60 contos da nossa actual moeda; e o chinchila do Peru, que é o

maior, raras vezes atinge 40 centímetros de comprimento. Quantas peles dêste roedor, que uma caça

(1) Vimos algures que a carne de coelho contém 40 por 100 mais elementos nutritivos que a carne de frango; 27 por 100 mais do que a do porco; 24 por 100 mais do que a do boi. E', consequentemente, um magnífico alimento.

desenfreada quási exterminou, seriam necessárias para um pequeno agasalho!

Mas se a criação do coelho para a obtenção de peles constitui um negócio importante, de largo futuro, pois até já mesmo, no nosso País, são procuradas e relativamente bem pagas as peles do coelho, a criação para açougue não tem menos importância. Pondo de parte o problema da economia doméstica, muito de ter em conta, tendo em vista apenas os mercados, isto é, a produção para venda, a cuniculicultura pode dar larguíssimo rendimento.

Procuramos estatísticas que nos habilitassem a indicar o consumo da carne de coelho nas

duas grandes cidades—Lisboa e Pôrto; ou porque não existam, ou porque as não soubemos procurar, foi-nos impossível obter cifras, mesmo aproximadas.

Mas, embora em Portugal se coma pouco o coelho—consequência de erradas ideas e, principalmente, das péssimas condições em que êste animal é criado, o que torna a carne pouco apetecida,—o consumo deve ser grande; supomos que fica, no entanto,

Devem criar-se sempre coelhos cuja pele seja fácilmente vendável



Na indústria só têm valor as peles de côr uniforme

mesmo relativamente, muito aquém do consumo de outras cidades estrangeiras.

Madrid, por exemplo, consome, por ano, mais de quatro milhões de coelhos. Antes da guerra de 1914 — e no presente o consumo é muito maior — a França

Mau processo de esfolar um coelho



Para que a pele do coelho tenha mais valor, maior preço, deve ser inteira, não ter rasgões e pertencer a um animal adulto, que já tivesse passado o período da muda. As peles têm sempre mais valor quando pertencerem a animais sacrificados no inverno

panhola — triste património da economia hodierna de todos os países, hão de encontrar, não talvez solução definitiva, mas alívio parcial, nas explorações pecuárias, como vamos apontar sumariamente.»

exportava, semanalmente, para Inglaterra, quinhentos mil coelhos!

E', porém, necessário ver ainda, a criação do coelho por outro aspecto. E' ele tão importante, — aspecto social e económico — que não hesitamos em pô-lo aqui em evidência, não por palavras nossas, mas sim do grande cuniculicutor espanhol, engenheiro Ayala Martin (1).

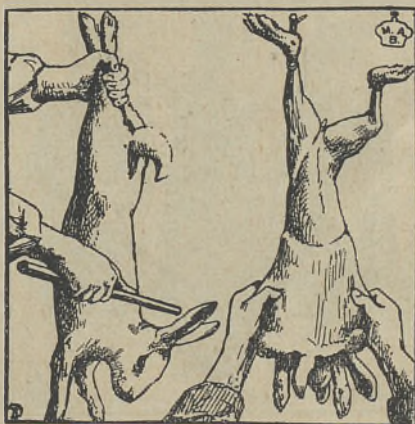
«As repetidas crises agrícolas — diz êste mestre da cunicultura es-

(1) Emilio Ayala Martin — *Cunicultura* — Madrid, 1933.

«E para isto analisemos, por momentos, o panorama agrícola nacional (1). Podem observar-se dois erros: não aproveitamento integral dos produtos e sub-produtos agrícolas e olvido absoluto da sua transformação.»

«Quanto ao primeiro, é conhecido de todos que as palhas, particularmente as das leguminosas, não têm aplicação em muitas povoações afastadas; e, no entanto, é grande o seu valor nutritivo. Se daqui passarmos a considerar as forragens das árvores, tanto frutíferas, como de sombra ou adorno ou florestais, encontramos uma enorme riqueza aproveitável, em verde ou secas. Os resíduos das hortas e jardins, sobretudo os primeiros, representam uma grande quantidade de elementos nutritivos que se perdem, por não se conhecer uma utilização imediata, pois, excluído o caso da venda dos resíduos nos grandes mercados das urbes, nas suas proximidades, o produtor não pode, economicamente, trans-

Bom processo de sacrificar e esfolar um coelho



Desta operação depende, em grande parte, o valor da pele

(1) O que Ayala Martin diz da agricultura espanhola, verifica-se entre nós, infelizmente.

portar estes resíduos da exploração agrícola ao ponto de venda, visto que as despesas de transporte seriam, talvez, superiores ao valor da mercadoria transportada.»

«A solução não pode ser outra senão a utilização de tais resíduos no local onde são obtidos...»

Mau processo de secar as peles



As peles mal sêcas, estragam-se prontamente;
perdem grande parte do seu valor

«Todos êsses resíduos têm um determinado valor; e se juntarmos êste valor aos benefícios dados pela venda do produto principal, a agricultura terá a sua produção valorizada e obterá em justo benefício económico, sem gravame para o consumidor.»

«Há, no entanto, mais. Não só defendemos a utilização racional e integral dos produtos e sub-produtos

agrícolas e industriais, como a sua transformação...»

«Porém, onde e como aproveitar estes resíduos, valorizá-los e transformá-los em mercadorias de mais elevado valor? Aproveitando-os na criação de animais...»

«A cunicicultura encerra a solução do problema. O coelho, animal herbívoro, é um devorador de forragens, tubérculos, raízes, palhas, etc., transformando estes alimentos, de escasso valor, em carne, pele e pêlo.»

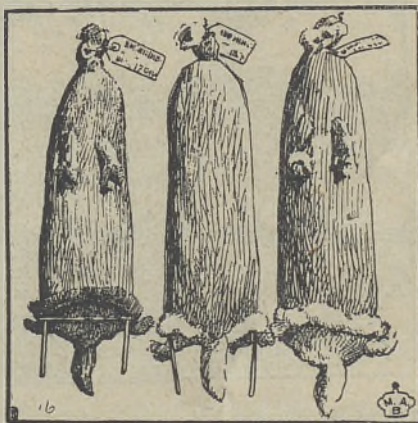
«E', além disto, êsse animal, uma económica máquina de transformação; e a sua criação uma indústria facilmente explorável por uma família modesta: pequena mão de obra, instalação pouco custosa e rendimentos não comparáveis às restantes indústrias agropecuárias.»

«O trabalho que exige pode ser executado pela mulher e pelos filhos; trará não só um acréscimo de rendimento para a família, mas também uma protecção ao trabalho da mulher no seu ambiente peculiar, próprio do sexo, na sua casa, no seu lar...»

«Exerce, pois, esta indústria, a cuniculicultura, uma dupla função social e económica, a que poderíamos juntar outra, política, visto que o aumento de lucros familiares traz, como consequência, a formação duma massa essencialmente conservadora no seu aspecto social, que servirá de muralha forte contra a qual se quebraria tôda a propaganda anticristã e anti-social...»

Isto diz Ayala Martin; supomos ser difícil defender melhor e mais eloqüentemente a criação do coelho.

Bom processo de secar as peles



As peles devem secar-se em local arejado, sombrio, e longe do fogo; para afastar os insectos, convém polvilhá-las com naftalina, especialmente no verão

* * *

A criação do coelho, qualquer que seja a amplitude das instalações e a orientação seguida — produção de carne, produção de peles ou obtenção de

uma e outra cousa, para que dê resultados económicos, deve ter por base a mais absoluta higiene.

Em outros termos: para que a máquina animal, a máquina transformadora — o coelho — dê o maior e mais perfeito rendimento, é necessário colocá-la nas condições mais apropriadas ao seu melhor e regular funcionamento.

Essas condi-

ções satisfazem-se, respeitando as mais elementares regras de higiene. De tôdas elas já se falou; vamos, porém, passá-las em revista, principiando por dedicar, curtas palavras, a algumas raças que nos parecem mais apropriadas para qualquer dos objectivos visados na exploração cuniculícola.

Há em Portugal — dizem as recentes estatísticas — cêrca de 990.000 coelhos. Se os portugueses quiserem, em pouco tempo esta cifra duplicará.



A criação do coelho, racionalmente conduzida, é, em qualquer circunstância, uma importante fonte de receita: carne, peles, dinheiro

RAÇAS

Demorar-nos-emos muito pouco a falar de raças de coelhos, que, possivelmente, servirão de motivo para um volume desta biblioteca, tanto mais que a paixão dos criadores, as leis económicas e as manifestações publicitárias, como as exposições, concursos, feiras, etc., de carácter mais ou menos zootécnico, têm não só fomentado e sustentado a criação de numerosas raças e diversas especializações produtoras—carne, pele e pêlo—como também favorecido a difusão de raças obtidas nos mais distantes países.

Facto louvável, êste? Preferimos deixar a interrogação sem resposta. A verdade é que a abundância de raças, a mania dos cruzamentos, que se fazem, a maior parte das vezes, sem a mais leve sombra de orientação, originaram uma tal barafunda, trouxeram, para a exploração cuniculicola os mais caleidoscópicos resultados, que, infelizmente, nem sempre foram ou são de ter em conta sob o ponto de vista económico. Muitos, procurando obter cousas novas, vantajosas, apenas colheram resultados negativos.

Por isto mais uma vez defendemos a necessidade de escolher uma raça única—o máximo duas, no caso de se conhecer bem, com segurança, a criação do

coelho — e prestar a essa raça ou a essas duas raças, o maior número de cuidados, para que se conserve ou conservem no seu estado de pureza ou aperfeiçoem as qualidades próprias. Por outras palavras: escolhida a raça, deverá fazer-se a selecção dos reprodutores, para não se abastardarem, antes melhorarem, as qualidades que possuam.

O aperfeiçoamento ou melhoramento de raças por meio de cruzamentos excede o *ABC da criação do coelho*. E nem a todos interessa ou deve interessar.

A simples título de informação, portanto, dedicamos algumas linhas às raças de coelhos, especialmente às produtoras de carne, que nos parecem mais apropriadas para a criação rural. Não deixaremos, porém, de nos referir a duas raças — para nós as melhores — que se devem criar como produtoras de peles.

À cabeça do pequeno rol colocamos uma raça portuguesa, o *Coelho Gigante Paivense Cinzento*, obtida pelo ilustre cuniculicultor Dr. João Salema, por cruzamento entre o Gigante Normando e o coelho vulgar, cujas qualidades haviam já sido melhoradas por metódica e persistente selecção. Dando a primazia a esta raça, valiosa sob todos os aspectos, prestamos, ou melhor, procuramos prestar modestíssima homenagem ao seu obtentor, para nós o maior propagandista da criação do coelho em Portugal.

CÓELHO GIGANTE PAIVENSE CINZENTO

No seu livro *Coelho doméstico*, o Dr. João Salema descreve esta raça nos seguintes termos:

«O corpo é comprido, forte e bem proporcionado. Lombos largos e dorso pouco arqueado.

A cabeça é larga e arredondada no macho e mais delgada na fêmea.

Os olhos são grandes, escuros e brilhantes.

As orelhas são direitas, fortes e um pouco abertas em V.

As fêmeas têm pequena papeira, que aparece com a idade e excesso de alimentação; os machos não devem tê-la.

As pernas são direitas e não muito grossas.

A cauda conserva-se encostada às ancas.

O pêso varia entre 4,500 a 6,500 quilos.

O pêlo é curto, basto e liso.

Tem uma linda côr de cinza uniforme em todo o corpo, aparecendo a côr branca no ventre, que a selecção dos reprodutores deve procurar fazer desaparecer.

As fêmeas dão ninhadas de seis a dez filhos. Quando bem alimentadas aleitam facilmente sete ou oito.

Estes são muito rústicos e desenvolvem-se muito rapidamente, estando óptimos para consumo, aos quatro meses.

Os machos, por causa da sua precocidade, precisam de ser castrados aos três meses sendo para consumo, ou separados em gaiolas.»

Feita, com a devida vénia, a transcrição, passemos a outras raças.

COELHO GIGANTE DE ESPANHA

Corpo grande, que chega a atingir, dizem, quási um metro; o seu pêso, quando completamente desenvolvido, aos dez ou doze meses, oscila entre os seis e oito quilos.

Pelagem parda, com orelhas grandes e direitas. Reproduzem-se com grande facilidade; ninhadas de oito a dez láparos.

Raça forte, rústica; as coelhas são boas criadeiras e produzem leite em abundância.

Resultou de um cruzamento do Gigante de Flandres com o coelho comum. Utilizado como raça produtora de carne.

COELHO GIGANTE DE FLANDRES

Corpo grande, orelhas grandes e direitas, abertas em V; pernas dianteiras fortes e direitas; coxas arredadas.

Atinge um pêso elevado, nove quilos, às vezes; em média 6 a 8. É muito pouco precoce e pouco rústico; exige alimentação abundante, nutritiva e variada. A carne é pouco apreciada.

Empregado na produção de carne; embora tenha grande fama, não é das raças mais aconselháveis.

COELHO NORMANDO

Raça muito conhecida em França; semelhante ao Gigante de Flandres, tem pele cinzenta, é bastante rústico, de crescimento rápido, e dá carne de boa qualidade. Atinge o pêso de 6 ou 7 quilos.

COELHO PRATEADO DA CHAMPAGNE

Coelho produtor de peles, muito apreciadas pela indústria e portanto sempre bem pagas.

A cabeça é forte, arredondada, denotando robustez e precocidade; olhos salientes, escuros; orelhas fortes, sempre direitas; pescoço curto.

De tamanho médio — pesa 2,5 a 3,5 quilos — dá boa carne. Exige cuidados na criação.

Os láparos, ao nascer, são completamente negros; só aos quarenta-e-cinco dias, pouco mais ou menos, é que a pelagem principia a modificar-se, tomando o aspecto característico.

É uma das melhores raças para a produção de peles e dá também boa carne.

Exige grande espaço; de custo módico, de grande resistência física, extremamente prolífico, transforma em carne, saborosa e nutriente, com extraordinária rapidez, os mais variados produtos e sub-produtos de exploração rural.

Além disto fornece peles valiosas e ainda um óptimo estrume; é, portanto, um valioso animal, cuja criação está ao alcance de todos.

COELHOS REX

Dediquemos, por último, algumas palavras a esta raça, de obtenção recente, que se impõe pelas valiosíssimas peles que produz.

Esta raça foi apresentada pela primeira vez, em França, pelo seu obtentor, o abade Gilet, em 1924.

A primitiva raça é hoje chamada Castorrex; por cruzamentos e seleções cuidadas obtiveram-se outras: Rex Branco, Rex Arminho, Rex Chinchila, Rex Havano, Rex Azul, etc.

A característica dos coelhos Rex — que é, como se disse, uma raça produtora de peles valiosas — é a

ausência de pêlos compridos; a pelagem, ao contrário do que se dá com outras raças, é tôda de comprimento uniforme; os pêlos são curtos e inserem-se normalmente na pele, o que lhe dá a esta a aparência das peles dos animais selvagens.

A ausência de pêlos compridos dispensa uma série longa de operações a que a indústria submete as peles das outras raças de coelhos. Por isto, a pele dos coelhos Rex é de tôdas, actualmente, a mais valiosa.

Esta raça dá animais relativamente grandes, pois chegam a pesar, quando em pleno desenvolvimento, mais de quatro quilos. E' prolífico — ninhadas de cinco a dez lâparos — pouco sujeito às doenças. Não é exigente na qualidade de alimentos, mas come abundantemente.

Como raça produtora de peles, a nosso ver, é a melhor; torna-se, no entanto, difícil encontrar bons exemplares. Exige uma constante e cuidada selecção.

E não alonguemos mais estes ligeiros apontamentos sôbre raças. No que fica há o suficiente para escolher.

Concluindo: só devem criar-se coelhos de uma raça definida; o coelho vulgar, incaracterístico, produz pouca carne, não dá peles que tenham qualquer valor e custa tanto a alimentar e exige tantos cuidados como os que são bons produtores de carne ou bons fornecedores de peles.

E não deve esquecer que se a carne é valiosa, a pele não vale menos.

REPRODUÇÃO

ESCOLHA DOS REPRODUTORES

Escolhida a raça que melhor satisfaça ao fim que se tem em vista — produção de carne, produção de peles ou produção concomitante de carne e peles, importa não só conservar essa raça, como aperfeiçoá-la, o que é sempre possível. Poucos animais, como o coelho, se prestam ao aperfeiçoamento da raça por meio de uma selecção cuidada e constante.

Tem, principalmente, suma importância — já o dissemos — impedir que as boas qualidades da raça preferida não se percam, não se abastardem. Consegue-se isto prestando a maior atenção à escolha ou selecção dos reprodutores; de tal nos vamos ocupar.

O reprodutor macho deverá possuir, além das características próprias da raça, como seja conformação, tamanho, pigmentação, etc., as características fisiológicas que o imponham como animal verdadeiramente útil: rusticidade, vivacidade, masculinidade, saúde perfeita e ainda uma boa origem, ou seja, o descender de mãe prolífica, boa criadeira, sã.

De um modo especial, o coelho deverá revelar movimentos rápidos e vivos, carácter um pouco rebelde — são sempre maus reprodutores os coelhos *mansarões* — pêlo fino, basto, brilhante e direito, olhos gran-

des e vivos, peito amplo, boa ossatura, bem conformada, mas esqueleto não demasiadamente desenvolvido. Além disto deve provir de ninhada numerosa, embora, muitas vezes, das ninhadas numerosas descendam animais de menor corpo.

Em resumo: o coelho reprodutor deverá apresentar tôdas as características próprias de um animal sadio, perfeito. Desculpam-se mais as pequenas divergências com o *tipo* da raça, do que as deficiências fisiológicas.

Bem compreendido é, no entanto, que se procurará conseguir reprodutores em que aquelas divergências não existam.

O coelho encontra-se apto para a reprodução a partir do quarto mês; é, no entanto, cedo ainda para o aproveitar nessa função, para a qual só deve ser utilizado a partir do oitavo mês. Convém notar que as raças pequenas são mais precoces que as grandes; nestas, conseqüentemente, o reprodutor deverá iniciar acasalamentos com mais idade do que os coelhos das raças pequenas.

São sempre maus os reprodutores muito novos, assim como os velhos. Aos quatro ou cinco anos — às vezes aos três, o coelho deve ser reformado.

A alimentação do coelho reprodutor deve ser cuidada; é, porém, inconveniente que se encontre excessivamente gordo; o meio termo — nem gordo nem magro — é o mais conveniente.

Quantas fêmeas pode cobrir um macho? Não são concordes as opiniões; oito, afirmam uns; quási o dôbro opinam outros. Será suficiente um reprodutor para cada grupo de 10 coelhas.

Deve orientar-se a criação de maneira que se limitem a um ou dois os acasalamentos de um dia.

Procedendo-se de modo diferente — e quanta barbaridade se comete! — esgota-se rapidamente o coelho e são freqüentes as uniões que não resultam.

A coelha reprodutora, como o coelho, deverá possuir tôdas as características gerais da raça a que pertence, tronco desenvolvido, boa largura de bacia, suficiente robustez do esqueleto, bom pêso vivo em relação com a raça, etc. Diz-se ainda que é muito de ter em conta o número de têtas e o seu desenvolvimento; a esta característica só é possível atender depois da primeira ninhada.

Deverá descender de mãe rústica, forte, boa criadeira; não deve ser arisca; terá olhos vivos e grandes, pele fina, pêlo macio, boa bôca, e ter demonstrado ser um animal precoce, que se desenvolveu rapidamente.

Como o macho, a coelha encontra-se apta para a reprodução depois dos cinco meses; não deve, porém, ser fecundada antes do oitavo ou nono mês de idade, nem reproduzir além do quarto ano.

Por motivos de ordem fisiológica, a coelha precisa ser bem alimentada, mas não deve apresentar-se demasiadamente gorda. A gordura dificulta a fecundação ou os partos, provoca às vezes abortos, a morte dos lâparos ao nascer, fraqueza dêstes, etc. Boa alimentação, sã e higiênica, mas que não origine gordura.

FECUNDAÇÃO

O coelho, atingida a idade própria para a reprodução, encontra-se sempre apto para o acasalamento. Não se verifica, porém, o mesmo com a coelha; esta deve encontrar-se num período de cio, que não é difícil de constatar pelos hábitos e atitudes particulares



que o animal toma durante êsse período: apresenta-se nervosa; permanece deitada, estendida, com as patas posteriores ligeiramente levantadas; os movimentos são especiais, executados de modo diverso e, se se lhe passa a mão pelo lombo, arqueia-se ligeiramente.

Observando os órgãos genitais, vê-se que se encontram congestionados, violáceos; pelo contrário, quando se apresentam apenas rosados, a coelha não se sujeitará ao acasalamento. E neste caso será perfeitamente inútil tentar juntá-la com o coelho; apenas se excitará êste, que, às vezes, tentará morder a coelha.

O cio, neste animal, dura, em média, quatro dias e repete-se todos os oito dias. Esta periodicidade interrompe-se durante a gravidez e aleitamento dos filhos.

Claro é que estas indicações cousa alguma têm de absoluto; podem enganar. Assim, há casos em que a coelha, que se encontra naquele estado, recusa o macho, repele-o; noutros, coelha que não apresenta os mais leves sinais de cio, aceita sem qualquer relutância o acasalamento.

Quando a coelha, julgada em momento oportuno para a fecundação e levada para a gaiola do macho, evita êste, lhe foge, é preferível não insistir; retira-se, procurando-se outra ocasião em que tais factos não se repitam.

As horas mais apropriadas para os acasalamentos são as primeiras da manhã; depois do meio-dia e durante a tarde, difficilmente se conseguem.

Quando se constata o aparecimento do cio, leva-se a coelha para a gaiola, onde se encontra o coelho. Nunca se fará o inverso, isto é, deslocar o coelho para o juntar com a fêmea. O acasalamento dá-se rapidamente; muitas vezes, no fim, o coelho solta um ligeiro grito, que muitos consideram sinal de que a união

resultou fecunda, mas a que não deve ligar-se tal importância.

Passados alguns minutos, a união repete-se; terminada, retira-se a coelha; não há qualquer vantagem em que continuem juntos os animais.

Recomendam alguns que, passados cêrca de oito dias, se tente repetir o acasalamento com o fim de verificar se a coelha foi fecundada na primeira união, pois, tendo-o sido, recusará tenazmente o coelho; caso contrário, dar-se-á a união. Não vemos inconveniente em seguir esta prática.

Para boa regularidade das criações é muito útil, necessário até—e adiante veremos o motivo—proceder ao acasalamento de mais do que uma coelha no mesmo dia. Dêste modo, passados trinta dias, pouco mais ou menos, terão nascido várias ninhadas; será então fácil dividir, por diferentes coelhas, as ninhadas maiores, que não podem ser amamentadas por um só animal.

A data dos acasalamentos deve ser anotada; assim conhecem-se as datas em que cada coelha termina o período de gestação.

Dizem alguns criadores que as coelhas podem dar seis a sete ninhadas por ano; é excessivo e anti-económico, pelo esgotamento que provoca nos animais. Podemos tomar como média razoável quatro ninhadas por ano. Isto mesmo se deduz do que, em fôlhas seguintes, se lerá.

Nos meses de verão e nos de excessivo frio, os acasalamentos são inconvenientes, como igualmente o são nos primeiros dias do aleitamento, embora a coelha, guiada pelo instinto, não se recuse à fecundação logo após o parto.

GESTAÇÃO

A gestação ou gravidez, na coelha, dura em média 30 dias; raras são as fêmeas que desmentem esta regra.



Para verificar se uma coelha está grávida, pega-se no animal com o maior cuidado e coloca-se numa mesa ou qualquer superfície horizontal. Em seguida, tendo colocado a mão esquerda sobre o dorso, de modo a prender as orelhas, com a direita, bem aberta, palpa-se o ventre do animal, procurando encontrar o útero com a ponta dos dedos. A operação é delicada; deve proceder-se com cuidado, e, em caso algum, não se deve apertar qualquer corpo que os dedos encontrem. Em pouco tempo se adquire o hábito necessário para efectuar bem esta operação

Registam-se, no entanto, nascimentos ao 29.º dia — e estes com relativa freqüência, assim como há casos em que a gravidez se prolonga por 32 dias e até 35. Irregularidades similares se encontram nos períodos de gestação de todos os mamíferos.

Do 15.º ao 18.º dia é já possível, por meio de palpação cuidada, notar a presença dos fetos no saco uterino; indicam as gravuras juntas como se pode efectuar essa palpação, em que é indispensável proceder sem movimentos bruscos ou violentos, não só para que o animal não se intimide, mas ainda porque poderiam ocasionar a morte dos fetos e até da própria coelha.

Recorre-se à palpação somente quando haja dúvidas sobre o estado da coelha, isto é, quando não haja a certeza de ter resultado o acasalamento. Na ver-



Esta gravura tem por fim mostrar como se coloca a mão para proceder à palpação do útero. A posição correcta é a indicada na gravura anterior

dade são relativamente frequentes os casos em que não se pode garantir que a fecundação se tenha dado; e a prova que se tente fazer pelo segundo acasalamento, a que nos referimos anteriormente, nem sempre esclarece dúvidas.

Durante o período de gestação, a coelha precisa ser bem alimentada; a ração será constituída principalmente por alimentos sêcos: bom feno, farelos, trigos, farinha de milho e um pouco de aveia. As forragens verdes devem ser dadas com parcimónia — 200 a 300 gramas por dia: trevo, luzerna, erva de prado, couves, etc.

Mais do que em qualquer outro período, na gravidez devem respeitar-se as regras de uma boa higiene alimentar. A coelha deve ser fortalecida; o enfraquecimento arrasta freqüentemente o abôrto, que pode, também, ser causado por uma excessiva gordura. Alimentação sadia, em resumo.

A cama conservar-se-á escrupulosamente limpa e deve ser abundante; a melhor é a constituída por palhas de aveia ou de trigo.

Durante a gravidez, a coelha deve ser deixada em sossêgo; não a devemos perturbar.

A limpeza da gaiola, que deve ser diária, mas feita rapidamente, embora de modo que o animal não se assuste, efectuar-se-á, pela última vez, no quarto ou quinto dia que precede aquêle em que se dará o parto. Nos últimos dias da gravidez, o próprio instinto da coelha a guia nos cuidados de limpeza da casa onde vai abrigar a sua prole.

Um ou dois dias antes do parto — algumas vezes apenas horas — a coelha principia a juntar palhas a um canto da gaiola, com as quais prepara um ninho de forma circular que, em seguida, forra com pêlo arrancado da parte anterior do corpo.

Raríssimas vezes a coelha grávida procura preparar o ninho mais cedo do que quatro ou cinco dias antes de terminar a gravidez; quando pressente o parto próximo é que se entrega a êsse trabalho.

E', porém, freqüente ver-se uma coelha que se acasalou, passados poucos dias — cinco ou seis — depois do acasalamento, principiar a preparar o ninho, acarretar palhas, arrancar pêlo, defender a entrada da gaiola. E' êste facto, quási sempre, indício seguro de que a fecundação não se deu. No caso de dúvida, chegando ao 15.º ou 18.º dia da gestação que se supõe

existir, recorre-se à palpação abdominal, feita nas condições já apontadas.

Verificam-se, também, casos de coelhas, que não tiveram qualquer contacto com o reprodutor, principiarem igualmente a preparar o ninho, preparação que levam ao ponto de o forrar com pêlo; trata-se, quando tal se dá, de uma doença nervosa — gravidez estérica. E' conveniente não conservar estes animais para reprodução.

Dois ou três dias antes do parto dar-se-ão à coelha alimentos refrescantes — cevada cozida, aveia, luzerna, alface, pouco, no entanto, desta hortaliça, por causa dos seus efeitos laxativos. Neste período, principalmente, não deve faltar a água nas gaiolas, pois que o animal, sequioso pela febre ocasionada pelo parto, desorientado, poderia morder os filhos, matá-los, até. Acentue-se, porém, que estes actos de canibalismo, relativamente frequentes, nem sempre são devidos à febre do parto, facto que tem sido constatado por diversos cuniculicultores. Quando uma coelha tenha o hábito de morder os filhitos, na criação seguinte deve ser observada com atenção; se repetir o acto, será posta de lado como reprodutora, não só porque difficilmente deixará de matar os filhos em futuras criações, mas também porque, algumas vezes, êsse hábito se transmite às filhas.

PARTO

Alguns dias antes do parto — o criador de coelhos saberá sempre o dia em que deve dar-se — far-se-á, como se disse, a última mudança da cama; depois deixa-se a coelha em sossêgo, não se mexendo, mesmo, na

gaiola. De longe vê-se se o animal preparou o ninho, indicio seguro do próximo nascimento dos láparos. Durante êsses dias o animal não deve ser perturbado; exige um absoluto sossêgo, voltamos a repetir.

O parto, de um modo geral, ultima-se em uma ou duas horas; casos há, no entanto, em que é mais demorado. Quando se verifique qualquer coisa de anormal, o cunicicultor deve intervir, se fôr necessário; mas intervir-se-á só em último caso.

Neste primeiro dia, ou nas primeiras horas, pelo menos, deixa-se a coelha em completa tranqüilidade. Pelo contrário, no dia seguinte é indispensável visitar o ninho para tirar os coelhitos que tenham nascido mortos ou morrido posteriormente, ou ainda retirar alguns, se a ninhada tiver sido grande, em número superior ao que a coelha pode alimentar.

A maior parte das coelhas, depois da primeira ninhada, não se incomodam muito com estas visitas; não se dá, porém, o mesmo com as primíparas. No entanto convém proceder com precaução, para evitar possíveis acidentes.

Para retirar a coelha do ninho dá sempre resultado despertar a guloseima do animal; para isto mostra-se-lhe qualquer alimento apetecido: erva verde, aveia esmagada, etc.

Vagarosamente, sem movimentos bruscos que a assustem, acaricia-se, passa-se-lhe a mão pelo dorso de modo que as mãos fiquem bem impregnadas do seu cheiro; depois, com cuidado, o mais delicadamente possível, quâsi com meiguice, pega-se-lhe, segurando-a pelo ventre e passa-se para uma caixa ou cêsto com tampa, onde se encontrem forragens em abundância e das preferidas pela coelha. E' muito conveniente que nestas forragens entrem algumas ervas aromáticas, com

as quais se esfregam depois as mãos; dêste modo a coelha não conhecerá pelo olfacto que mexeram no ninho.

Colocada no cêsto ou caixa, espera-se que principie a comer e só depois é que se procede à visita.

Procurar-se-á tocar nos laparozitos o menos possível e ainda não desarranjar o ninho nem modificar a disposição do pêlo ou feno. A inspecção deve ser curta, rápida, mas sem precipitações; e poucos minutos bastam para escolher os coelhitos mortos, se os houver, ou retirar os que se encontram em excesso.

O número de láparos nascidos em cada ninhada é bastante variável: vai de dois ou três a doze, quinze e às vezes mais; já se registou uma ninhada de dezóito láparos. Se estes últimos números são raros, aquêles primeiros constituem também uma anormalidade.

Como regra, devem considerar-se más reprodutoras e portanto eliminar-se, as coelhas que dêem, em cada ninhada, menos de seis filhos.

Atenda-se, porém, a que o número de láparos em cada gestação varia freqüentemente com as raças; umas são mais prolíficas do que outras.

Nas raças grandes, o número de filhos, em cada criação, é sempre menor do que nas raças de tamanho médio; o mesmo sucede nas raças pequenas. O gigantismo assim como o nanismo, não predispõem para a fecundidade.

Quantos láparos deixar a cada coelha? Divergem as opiniões; mas a boa razão manda que a cada mãe não se deixem mais de quatro ou cinco, o máximo — e já é exagerado — seis. No inverno, ou durante os meses de mais frio, a coelha amamentará menos láparos que no verão: quatro, por exemplo, no inverno e cinco nos meses de calor.

Os coelhitos em excesso colocam-se numa caixa ou cêsto pequeno, forrado de palha bem sêca e cobertos, depois, com qualquer tecido de lã, para lhes evitar o frio, que os prejudica.

Os láparos que se retiram devem ser levados para outra coelha, que tenha tido a ninhada no mesmo dia e filhos em número reduzido; é para isto, para ter sempre coelhas que possam servir de *amas*, que é conveniente acasalar mais do que uma coelha no mesmo dia, pois assim há a certeza que, passada a gestação, os partos se darão também no mesmo dia, com diferença de horas, apenas.

Pode suceder, e muitas vezes sucede, serem tôdas as ninhadas numerosas. Neste caso sacrificam-se alguns láparos; escolhem-se, como é lógico, os mais fracos, os de pior aspecto. Podem, ainda sacrificar-se os machos, se convier criar fêmeas, ou inversamente.

A separação de sexos, no primeiro ou segundo dia de vida, é extremamente fácil, muito mais fácil, mesmo, do que quando os coelhitos têm quinze a vinte dias; a observação dos órgãos genitais permite apartar, sem erros, os machos das fêmeas.

Terminada a visita, coloca-se a coelha na gaiola, para onde se transportam, primeiro, os restos da refeição que a entreteve. Se a não tivermos assustado, continuará a comer tranqüilamente, como se cousa alguma se tivesse passado; quando muito irá até junto dos filhos para sair logo depois.

De dois em dois dias ou de três em três, repetem-se as visitas para retirar qualquer coelhito morto. Procedem-se sempre com as mesmas precauções, sendo ainda conveniente que seja a pessoa encarregada da coelheira que efectue essas visitas; as coelhas conhecem-na, não se assustam com as suas inspecções.

ACIDENTES NO PARTO

O abôrto não se pode considerar como um acidente do parto; poderemos designá-lo, e talvez melhor, como um parto acidental; poucas palavras lhe dedicaremos.

E' pouco freqüente nas coelhas; pode ser ocasionado pela debilidade do animal ou pela sua excessiva gordura, como já foi dito; pode também originá-lo qualquer susto ou traumatismo. Recomenda-se, portanto, que durante a gestação se deixem as coelhas na maior tranqüilidade. E passemos aos acidentes do parto.

O parto decorre com normalidade, geralmente; podem dar-se, no entanto, alguns acidentes, que vamos passar em revista, embora com ligeireza.

Há coelhas que não preparam o ninho ou que, mesmo quando o preparam, espalham os filhitos por diversos pontos da gaiola.

Sucedede isto muito principalmente quando é pouco limpa a palha da cama ou esta é constituída por palhas duras ou em pequena quantidade. O remédio é ter sempre na gaiola uma boa porção de palha de aveia, sêca, ou feno macio, que não tenha cheiro a môfo.

No caso da coelha persistir em espalhar os filhos pela gaiola, apanham-se e levam-se para o ninho; se não modificar o hábito, passar os coelhos para uma ama e não voltar a fazer reproduzir essa coelha.

Há também, como já se disse, coelhas que têm o hábito de matar e até comer os filhos. Se é um vício, o remédio é engordá-las e sacrificá-las. Mas pode o facto ser ocasionado por defeituosa alimentação — falta de água ou ainda falta de proteína nos alimentos.

Remedeia-se isto, dando água em abundância e misturando na ração uma pequena quantidade de farinha de peixe.

Podem ainda produzir-se acidentes mais graves, entre os quais convém referir:

A *mamite*, que se inicia geralmente por *gretas* nas têtas, sobrevindo uma infecção generalizada. O remédio, quando o mal surge, é retirar de pronto os coelhitos e entregá-los a outra coelha. A vida da doente corre algum risco, pois nem sempre a mamite cede ao tratamento possível: lavagem da parte infeccionada com água boricada e aplicação de uma pomada calmante, como a pomada canforada, pomada de beladona ou unguento de populeão.

O *prolapso do útero*. Quando se dá, o útero, logo após o parto, apresenta-se com o aspecto de um tumor avermelhado. O tratamento consiste numa desinfecção da parte visível daquele órgão, com água boricada e redução feita com um dedo untado com vaselina bórica. Em casos graves o tratamento é difícil.

Finalmente, as *septicemias puerperais*, que são, com freqüência, graves e se manifestam do seguinte modo: a coelha apresenta-se umas vezes triste, recusa a comida, esconde-se no fundo da gaiola; outras vezes mostra-se nervosa, agitada, febril; aparece a diarreia. Tratamento: suprimir a alimentação, que será substituída por água simples ou um cozimento de centeio, açucarado. Resultados pouco seguros.

Felizmente, estes acidentes, que deixamos referidos, não são muito vulgares.

ALEITAMENTO

E' com muito e bom leite que se conseguem bons coelhos. O cuniculicultor não o deve esquecer.

Conseqüentemente, possuindo boas coelhas, não terá mais que alimentá-las de modo que possam fornecer aos láparos bom e abundante leite; estes crescerão rapidamente, desenvolver-se-ão sem dificuldade.

Portanto, as coelhas em criação devem alimentar-se com a melhor erva — luzerna, trevo, aveia, ervilhaca — boas raízes forraginosas e farinhas e grãos. Dispondo-se de leite — leite completo ou leite desnatado — é muito conveniente dá-lo às coelhas, misturado com um pouco de farinha de milho.

Do oitavo ao décimo quinto dia, os coelhitos principiam a abrir os olhos e a andar. Sucede mesmo que algum, mais precoce, ao nono ou décimo dia abandona o ninho, que depois não encontra; é preciso colocá-lo no lugar que abandonou.

Ao fim de duas semanas os láparos começam a sair com regularidade, do ninho; e como as suas necessidades alimentares aumentam e o leite materno vai em diminuição, não é raro vê-los ensaiar-se a comer; quando isto se verifica, é necessário reforçar a alimentação da coelha e, ao mesmo tempo, colocar à disposição dos láparos qualquer recipiente apropriado, com leite e miolo de pão, alimento de que a mãe não desdenha e que só lhe é útil.

Neste momento, quando os coelhitos principiam a sair do ninho, procede-se à limpeza completa da gaiola; substitui-se a cama e faz-se de novo com boa palha ou feno bem sêco.

A alimentação deve merecer, neste período, os

maiores cuidados do cuniculicultor. Não esquecer o leite de vaca puro ou desnatado com algum pão ou farinha, quer para a coelha quer para os láparos; e para aquela, bom feno, luzerna, trevo, aveia, côdeas de pão ligeiramente umedecidas e água.

DESMAME

O desmame definitivo não deverá efectuar-se antes dos láparos se encontrarem em estado de dispensarem o alimento que a mãe lhes fornece, isto é, o leite materno; êsse estado não é atingido normalmente antes dos 45 a 60 dias, ou seja antes da idade de oito semanas. Apenas em casos de doença ou fraqueza grande da coelha, se deve proceder ao desmame mais cedo.

Pode suceder que, numa ninhada, dois ou três coelhinhos se apresentem mais fortes, mais desenvolvidos; poderão, estes, desmamar-se mais cedo. Assim, a coelha alimentará melhor os outros, os mais fracos, que de tal modo se robustecerão.

Os láparos, depois de apartados, reünem-se, machos e fêmeas e em conjunto são alimentados generosamente; há que ter sempre em vista o seu crescimento, o seu apetite e observar com freqüência o aspecto dos excrementos, pois estes nos indicarão como convirá orientar a alimentação: aumentar ou diminuir a proporção de forragem verde.

Como crescem e como se desenvolvem os láparos? E' interessante êste ponto.

As indicações e observações sôbre tal assunto são muito variáveis; e não deve causar estranheza que assim suceda. As raças diferem muito, a idade dos

reprodutores intervêm e ainda mais os cuidados alimentares e higiênicos e até mesmo a forma como decorre o tempo: favorável ou desfavoravelmente. Em resumo: o crescimento do coelho não obedece a normas fixas, antes depende de múltiplas circunstâncias, difíceis de ter, tôdas, em conta.

Tratando-se de uma raça de tamanho médio e de uma ninhada normal, os láparos, ao nascer, pesam, aproximadamente, 65 gramas; se a coelha fôr uma boa criadeira e receber boa e substancial alimentação, os filhos devem aumentar de pêso, diàriamente, 10 a 25 gramas.

Um coelho, que aos dois meses pese 400 gramas ou pouco mais, pode considerar-se já um bom animal; se aos dois meses pesar 1 quilo, não há motivo para nos queixarmos. Aos três meses poderá atingir os 2 quilos e aos quatro ou cinco chegar ou ultrapassar mesmo os 2 quilos e meio. Em casos especiais registam-se os 3 quilos.

O pêso de 3 quilos e meio, normalmente, só é atingido por estes animais além daquelas idades.

Há, evidentemente, excepções e até freqüentes; ora se atingem pesos superiores, ora se fica longe dos apontados. Mas na pequena criação, quando as médias não se afastem dos números referidos, há que considerar a coelheira em bom caminho.

Ao chegar aos três meses de idade, aproximadamente, principia, nos coelhos, a aparecer o instinto de reprodução; não convém, portanto, conservar em comunidade os machos e fêmeas. Separam-se, pois, os sexos; castram-se os machos e cura-se da engorda dêstes e das coelhas, que não seja preciso aproveitar para reprodução.

CASTRAÇÃO

Embora fôsse mais lógico tratar da castração em outro ponto dêste ligeiro resumo sôbre a criação do coelho, também não ficam demasiadamente deslocadas as linhas que lhe vamos dedicar.

Entre nós, ao passo que é freqüente a emasculação dos frangos — têm fama os capões em alguns pontos obtidos — poucos usam castrar os coelhos. E', no entanto, operação de uma extrêma simplicidade e vantajosa por diversos motivos: possibilidade de criar, em conjunto, os machos depois de três ou quatro meses; obtenção de melhor carne, mais saborosa e mais tenra e ainda obtenção de melhores peles, com mais abundante pêlo e mais sedoso.

A castração não se deve praticar antes dos três meses; também não é conveniente fazê-la depois dos animais terem ultrapassado a idade de quatro ou cinco. Extremamente simples, como dissemos, tão simples que é possível, a duas pessoas, castrador e ajudante, castrarem três a quatro dúzias de coelhos por hora, explicar como se pratica não apresenta a mesma simplicidade. *Aprende-se, vendo praticar*; não foge, de resto, esta simples operação cirúrgica, à regra: trabalhos operatórios, simples ou complicados, só se aprendem vendo executá-los.

Vamos, no entanto, em poucas linhas referir um dos processos seguidos — há dois — aquêles que consideramos mais prático.

Para proceder à castração do coelho são necessárias duas pessoas: o operador e o ajudante. Sentam-se, um na frente do outro, a pequena distância, quási com os joelhos de um encostados aos do outro.

O ajudante segura o coelho de costas, deitado sobre os joelhos; com uma das mãos pega nas orelhas e com a outra segura as pernas trazeiras, conservando-as afastadas. Trabalho simples, que se executa rapidamente.

O operador, com o polegar e o index da mão esquerda, segura a *bolsa*, o *escrôto*; procederá também rapidamente, de modo a evitar que o animal contraia os músculos e recolha os testículos para o abdômen. Com a mão direita e por meio de um bisturi ou canivete bem afiado, dá um golpe na pele, do lado direito, pelo qual sairá um dos testículos; golpe idêntico, do lado esquerdo, fará aparecer o segundo.

Pousando o bisturi ou canivete, com uma tesoura de pontas finas corta os cordões testiculares. Deve haver sempre o cuidado de não puxar por aquêles órgãos, o que poderia dar origem a hérnias intestinais, não isentas de gravidade. Embora alguns autores se refiram ao perigo das hemorragias, são estas pouco de temer, assim como as infecções subseqüentes à operação.

O coelho, depois de castrado e durante um ou dois dias, é colocado numa gaiola, com cama absolutamente limpa. Ao fim dos dois dias já não sente qualquer perturbação.

As fêmeas podem ser também castradas; é, no entanto, a operação mais complicada, mais sujeita a acidentes e pouco útil. Não há que descrevê-la.

Voltamos a repetir o acima dito: a castração do coelho é operação simples, isenta de perigos e vantajosa: aprende-se, vendo-a praticar, em poucos segundos. A descrição, mesmo longa e minuciosa, deixa sempre dúvidas.

ALIMENTAÇÃO

O problema da alimentação é o mais interessante, ou antes, o mais importante da criação do coelho. Estudos e trabalhos cuidadosamente conduzidos demonstram que a despesa de alimentação representa 80 % do custo do animal. Não foi este número encontrado entre nós, nem obtido na criação doméstica, *casaleira*, como alguém um dia, e com propriedade, lhe chamou; os dados que levaram a estabelecer aquela cifra foram colhidos em explorações cuniculícolas com características industriais; e não é bem este o caso que procuramos tratar neste pequeno folheto.

Mas se referimos aquêlê número foi para mostrar a importância que assumem, relativamente, as despesas de alimentação nas criações de coelhos. Dada esta importância, é indispensável cuidar das normas alimentares, que devem basear-se no seguinte:

a) utilizar o mais perfeita e completamente possível os subprodutos da exploração agrícola ou da alimentação doméstica—perceber-se-á o que pretendemos dizer com estas palavras?—melhorando êsses subprodutos pela adição de pequenas quantidades de alimentos concentrados;

b) variar, também o mais perfeita e completamente que seja possível, na preparação das rações, os tipos de forragens utilizadas — verdes e secas, grãos e farinhas, raízes e tubérculos — de modo a despertar um maior apetite, a facilitar a digestão, a preparar refeições saudáveis e nutrientes;

c) alimentar, ou antes, estabelecer o racionamento de modo que os alimentos sejam distribuídos com regularidade, sempre às mesmas horas;

d) racionar ou arrazoar, em qualidade e quantidade, segundo as particulares necessidades dos diversos animais — coelhas em gestação, coelhas em criação, coelhos reprodutores, lâparos desmamados, coelhos em ceva, etc.;

e) dar aos coelhos forragens ou alimentos escrupulosamente sãos: ervas não aquecidas ou fermentadas, umedecidas pela chuva ou pelo orvalho; bagaços, farinhas, resíduos alimentares sem qualquer princípio de alteração; plantas não tóxicas ou venenosas.

Prevemos, e bem fácil é a previsão, que ao lerem-se tôdas estas normas, por que o criador se deve guiar na alimentação dos coelhos, prevemos que o desânimo invadirá o nóvel cuniculicultor; e dizemos o nóvel cuniculicultor, pois que o habituado já a criações conhece-as tão bem que, instintivamente, as põe em prática. Mas não há lugar para desânimos: tudo quanto ficou escrito se resume em conseguir uma alimentação racional, sadia e económica.

Claro é que para sustentar meia dúzia de coelhos bastam os resíduos da cozinha doméstica, as couves da horta e pouco mais; neste caso, o problema alimentar daqueles animais não se apresenta. Mas em criação mais larga, desde que se tenha em vista produzir carne

para venda e não apenas para satisfazer necessidades próprias, há já que ter em vista a alimentação, não esquecendo, no entanto, que o coelho é a melhor máquina transformadora dos mais variados produtos vegetais, em carne; no entanto, para que a transformação seja perfeita e rápida, é indispensável que a máquina trabalhe em boas condições. Uma das boas condições de trabalho é a racional e regular higiene da alimentação; por isso se apontaram aquelas regras.

Seria longo e possivelmente desnecessário, referir a série extensa de alimentos que podem ser utilizados pelo coelho; tôdas as plantas pratenses — gramíneas e leguminosas, as raízes forraginosas, as fôlhas e ramos de quási todos os arbustos e árvores frutíferas, ornamentais ou que se criam nos montes: pereira, macieira, cerejeira, videira, castanheiro, aveleira, salgueiro, tília; as silvas, as heras, a carqueja; os fenos e as palhas, incluindo as das ervilhas, do feijoeiro e similares; os restos das manjedouras dos bovinos e dos equinos; os vinhaços, desprovidos de grão e do cango; farinhas e bagaços; frutas; resíduos de algumas indústrias, tudo isto são alimentos que podem ser aproveitados e bem aproveitados pelos coelhos. O problema reside apenas em prepará-los, em misturá-los convenientemente, de modo a constituírem boas rações alimentares.

Há, no entanto, certas plantas que são prejudiciais; é talvez oportuno indicar, pelo menos as mais vulgares.

As plantas, cuja ingestão pode originar perturbações àqueles animais, são as seguintes: a mercurial, o saramago, a urtiga, o meimendro, a papoila, o rinchão, o acónito, a beladona, o estramónio, a celidónia, a erva moura, o jaro, a lobélia, a maleiteira, o feto macho, os

ramos de certas árvores, como o choupo, a oliveira, o carvalho, o loureiro, o álamo.

O emprêgo exclusivo de forragens verdes é inconveniente, como inconveniente seria o alimentar coelhos apenas a fenos, palhas ou farelos. Escolhendo os alimentos mais económicos, os de mais fácil e rápida obtenção, o cunicicultor organizará rações de que possa tirar o maior proveito com o mínimo dispêndio; e, nesta preparação, não esquecerá as plantas aromáticas, os condimentos — salsa, funcho, tomilho, aipo, etc. — tão do agrado dos coelhos e que tão úteis lhes são, quando dados em justa medida: diáriamente em pequena quantidade ou uma ou duas vezes por semana em maior proporção.

Tem igualmente importância a preparação dos alimentos, isto é, o estado de divisão em que sejam dados aos coelhos. Uma cuidadosa preparação ocasiona não só economia, por menor gasto de forragem, mas garante ainda um melhor aproveitamento alimentar. Assim, as raízes forraginosas e os tubérculos — cenouras, beterraba, batata — devem ser partidas, divididas. Em certos casos pode apresentar vantagens o emprêgo dos corta-raízes, máquinas simples e de custo não elevado.

As batatas, o tubérculo completo, ou as *cascas*, desperdício, às vezes grande, das cozinhas, não devem ser dadas cruas, mas somente depois de cozidas e em mistura com forragens verdes ou farelos. Há quem preste reduzida importância a êste ponto; pela nossa parte condenamos em absoluto o hábito de fornecer aos gados — coelhos ou outros animais, a batata crua.

O corte das raízes forraginosas deve ser feito no momento da distribuição ou pouco antes; é prejudicial deixar, de um dia para o outro, as cenouras ou beterrabas cortadas.

As fôlhas, os fenos e as couves serão também melhor aproveitadas quando sejam cortadas em pequenos fragmentos, de 2 a 3 centímetros de comprimento. Para as hortaliças, os corta-couves, muito utilizados em avicultura, podem ter útil aplicação.

Os moínhos, que reduzem a farinha os fenos e as palhas, o carolo do milho, etc., em criações de certa importância prestam igualmente bons serviços. E' claro que na criação doméstica, em pequena escala, não será económica a sua aquisição. Não deviamos, porém, deixar de lhes fazer referência, tanto mais que, se há aparelhos dêstes que são de custo relativamente elevado, outros são de aquisição pouco dispendiosa.

Fácil é de compreender que as forragens divididas, seccionadas, permitem misturas mais perfeitas, consequentemente uma melhor utilização das rações. E em certos casos, essa divisão é indispensável.

Muitos criadores de coelhos julgam que estes animais precisam ter sempre alimentos em abundância, pois comem permanentemente. Se a sua voracidade é grande e o seu apetite quasi insaciável, uma das principais regras alimentares é o distribuir a horas certas e sempre as mesmas, as rações.

O hábito de deitar, de hora a hora, um punhado de erva ou um molho de couves aos coelhos, o que por muitos é considerado a melhor prática, acarreta sempre inconvenientes. Que as rações sejam abundantes está certo; mas o que é necessário é que sejam fornecidas com regularidade.

Aconselham alguns cuniculcultores que se distribuam diariamente duas rações aos coelhos: uma de manhã, às 6 ou 7 horas e outra de tarde às 5 ou 6 da tarde — 17 ou 18 horas — devendo esta última ser mais abundante. Não concordamos: há um intervalo dema-

siadamente grande entre as duas refeições; e se se distribuem rações abundantes, nas primeiras horas que seguem à distribuição, o coelho, saciado, estraga mais do que come—mesmo que a ração lhe seja distribuída, como deve ser, em manjadoura apropriada; depois, algumas horas antes de ser distribuída a refeição seguinte, o animal não terá o alimento que o seu estômago lhe reclama.

O mais prático, o melhor, é dar três refeições por dia—de manhã, ao meio do dia e à noite, refeições abundantes—mais a da noite—que possam satisfazer completamente o apetite, que é sempre grande, dos coelhos.

As rações não devem ser constituídas por uma forragem única—êrro que muitos praticam—mas sim formada por mistura de diversos alimentos. Dêste modo conserva-se, sustenta-se, pela variedade, o apetite do coelho e ocorre-se às possíveis deficiências dos diversos alimentos, pois que estes não são sempre constituídos pelas mesmas substâncias e nas mesmas proporções: uns são mais ricos em proteína do que outros; nestes abunda, relativamente, a gordura, ao passo que é diminuto o seu teor em hidratos de carbono; uns são alimentos sêcos, ao passo que outros aquosos em demasia.

Vem, a-propósito, chamar a atenção para o seguinte: o criador de coelhos deve observar com freqüência, quotidianamente, os excrementos dos seus animais; se perdem o aspecto normal, se se encontram moles, deverá diminuir, nas rações, a quantidade de alimentos verdes, dos quais freqüentemente se abusa, na crença, em que se está, de que o coelho em liberdade, come muito mais alimentos verdes que sêcos. Esta suposição é falsa; o próprio coelho bravo ingere diã-

riamente uma maior quantidade de alimentos sêcos ou pouco aquosos, do que alimentos verdes.

Não deve esquecer que as ervas, couves, hortaliças, as beterrabas e as cenouras, se são alimentos valiosos, devem entrar nas rações como elementos complementares e não exclusivos. Numa criação bem conduzida, bem orientada, jamais se poderá admitir a alimentação verde exclusiva ou mesmo preponderante.

Especialmente na alimentação das coelhas grávidas, que exige cuidada atenção, é indispensável regular a distribuição de forragens verdes, que lhes devem ser dadas em pequena quantidade.

Após estas ligeiras indicações, somos chegados a um ponto da maior importância: o arraçoamento. Da maior importância e relativamente difícil de tratar em poucas linhas num folheto que não passa do ABC e que, portanto, se limita a dar indicações gerais, elementares. Procuremos ser claros e pouco extensos.

Todo o animal necessita, para viver e se desenvolver, de uma determinada quantidade de elementos nutritivos, sem os quais a sua vida, ou quando não seja a vida, a sua criação lucrativa, caminha para um desastre. Disto se deduz que é necessário determinar quais sejam tais elementos indispensáveis para o coelho; e uma vez determinados, procurarmos obtê-los com o menor dispêndio possível. Não devemos esquecer que a criação vantajosa do coelho só é possível desde que lhe forneçamos alimentos proporcionados para a elaboração da carne, da pele e pêlo.

Se, por outro lado, atendermos a que o coelho tem, nas diferentes fases de vida, necessidades diversas, veremos que diversas são também as formas de as satisfazer. Um animal em descanso não tem mais necessidades do que as de refazer as perdas sofridas

pelo seu organismo: a estas necessidades corresponde uma ração, a *ração de sustento*.

Se do animal exigirmos trabalho, além do reparar das suas fôrças, necessitará de elementos nutritivos equivalentes ao trabalho que produziu; denominam-se estas necessidades *ração de trabalho*.

Porém, sendo êste trabalho diverso segundo se lhe exija uma gestação ou um aleitamento, teremos de considerar *rações de gestação* e *rações de aleitamento*. Se, pelo contrário, um animal, chegado ao seu normal desenvolvimento, é empregado na produção de carne, será necessária uma outra ração, a *ração de engorda*. Por tudo isto se avalia a complexidade do problema; mas essa complexidade é ainda maior se levarmos em conta as diferentes necessidades nos diferentes períodos de vida, como por exemplo, as necessidades durante o período em que o coelho é amamentado pela mãe e depois do desmame.

Na impossibilidade manifesta de estudar o problema em tôda a amplitude num livrinho desta índole — escrevemos uma cartilha e não um tratado sôbre a alimentação do coelho, limitamo-nos a indicar uma tabela em que se apontam, de um modo geral, as necessidades dos coelhos nos diferentes períodos de vida.

ALIMENTOS	Láparos	Animais de			
		1 kg.	2 kg.	3 kg.	4 kg.
Grãos-cevada, milho, etc.	45	115	160	200	240
Farelos	130	200	285	360	420
Fenos.	200	330	455	580	680
Batatas	255	360	450	570	850
Gramineas verdes	510	800	1150	1450	1700
Leguminosas verdes	560	900	1200	1600	1900
Cenouras	550	800	1000	1250	1600
Beterraba	730	1000	1100	1630	2400

As quantidades acima referidas estão expressas em gramas e indicam as necessidades aproximadas do animal em vinte-e-quatro horas e não recebendo outro alimento além do indicado.

Claro é que não se alimentará um coelho apenas a cevada, a feno, a leguminosas ou a cenouras. Combinam-se as rações, conforme os alimentos de que se disponha e tomando por base números acima apontados.

Aquêlê quadro — não vá supor-se o contrário — dá apenas indicações gerais; servirá de guia, de orientador.

Ainda para orientação podem ser úteis as seguintes e ligeiríssimas notas sôbre organização das rações:

Aos coelhos reprodutores devem dar-se alimentos de fácil digestão, ricos, mas que não provoquem a gordura. É útil a junção de verduras excitantes e aromáticas.

No período em que se suspendem os acasalamentos diminuem-se as rações.

Às coelhas em gestação devem dar-se principalmente alimentos sêcos. Aumentar a proporção de alimentos verdes quando se avizinha o parto. Neste período não faltar com a água.

Às coelhas em lactação deve dar-se alimentação abundante, nutriente, facilmente digerível: cereais, feno, pão umedecido, cenouras, boa forragem verde e sendo possível leite desnatado a que se adiciona farinha.

Os lâparos, no princípio do desmame, comem a mesma alimentação que é fornecida às mães.

Modificar a alimentação gradualmente, para evitar as transições bruscas; alimentação variada, nutriente. Poucas forragens verdes e sempre absolutamente enxutas e limpas.

Não esquecer que as forragens verdes, umedecidas pela chuva ou pelo orvalho, ou ainda quando mal conservadas — aquecidas, fermentadas — são o grande inimigo das coelheiras.

ALOJAMENTO DOS COELHOS

Esta parte, sem dúvida importante, da criação do coelho — alojamentos, instalação de coelheiras — para ser tratada com o necessário desenvolvimento, ocuparia um extenso capítulo, que por si só poderia constituir um livrinho desta pequena biblioteca. Porém, o encargo recebido e aceito, não foi o de escrever um tratado de cuniculicultura, mas tão somente o de reunir algumas notas que servissem de iniciação aos que pretendessem criar, lucrativamente, o utilíssimo animal; os iniciados, desejosos de mais amplos esclarecimentos, com facilidade os encontrarão em obras completas, nas quais o assunto é tratado exaustivamente.

*

* *

De tudo quanto ficou dito em páginas anteriores depreende-se que a criação racional do coelho só é viável, conservando os animais isolados, cada um em abrigo que lhe pertença exclusivamente.

Na verdade, é este processo de criação o único admissível, embora em certos períodos e determinadas situações — como adiante veremos — seja possível, sem

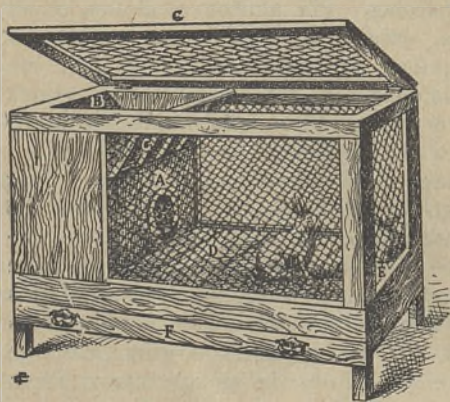
inconveniente de maior, reunir, por grupos, os coelhos. Devem, no entanto, conservar-se sempre isolados, em gaiolas próprias, os coelhos reprodutores, as coelhas em gestação e durante o período do aleitamento. Neste período, como se compreende, os láparos conservam-se junto da mãe.

Tratemos das gaiolas. Há muitos modelos, umas fixas, outras móveis, estas construídas em madeira e rêde de arame, aquelas em madeira igualmente, em cimento, ou fibro-cimento. E até em teijolo. Embora os modelos sejam vários, as diferenças existentes entre uns e outros não são profundas.

Na pequena criação, que deve sempre guiar-se por normas de uma estrita economia, são preferíveis as gaiolas móveis, construídas em madeira. Há, no entanto, quem reprove êste material, fundando-se, para isto, na facilidade com que se impregna de sujidades — urinas, etc., e na impossibilidade de ser submetido a desinfecção perfeita. A-pesar dêstes argumentos, de certo modo aceitáveis, e ainda de se apontar o facto de poder a madeira ser roída pelos coelhos, para as pequenas criações consideramos aconselháveis as gaiolas construídas naquele material, móveis, facilmente deslocáveis.

E aos inconvenientes referidos obvia-se do seguinte modo: a parte mais sujeita a impregnar-se de sujidades, especialmente urinas, é o fundo da gaiola. Fácil é construir, êste fundo, móvel — um estrado de tirar e pôr — que pode submeter-se a lavagens enérgicas, quando se julgue pouco limpo. Além disto, a madeira, não só a do fundo da gaiola, mas tôda a outra que na sua construção se empregue, poderá ser pintada a carvão ou qualquer produto semelhante; esta pintura evita, quási totalmente, aquela impregnação e impede,

ainda, que os coelhos se entretendam a roer a madeira, porque o gôsto que o carbonilo lhe dá, é-lhes repugnante. De ter em conta é, igualmente, que tal vício — o roer da madeira — é quasi sempre provocado por uma irracional e desequilibrada alimentação. Neste caso o defeito não é do coelho, nem do material com que se



Gaiola para coelhas reprodutoras

construiu a gaiola, mas simplesmente do criador.

Vem, por último, o argumento da desinfecção: a madeira suporta as desinfecções mais enérgicas; apenas não resiste ao fogo, empregado algumas vezes para aquêlê fim, nas gaiolas em cimento.

Mas a acção desinfectante do fogo pode substituir-se pela de outro agente e com idênticos resultados.

E' claro que as gaiolas em cimento têm vantagens, sobretudo nas grandes explorações cuniculícolas, em que se torna necessário instalar umas gaiolas sôbre outras. Mas êste caso não nos interessa por agora.

Além do modelo de gaiola descrito nas primeiras páginas e aconselhado na Bélgica, apresentamos mais dois. O primeiro representado na figura junta, é uma gaiola para coelhas reprodutoras, que em poucas linhas

vamos descrever: *A*, ninho que fecha por uma tampa *B*, em rampa, abrindo de baixo para cima; esta tampa forma o lado de uma manjadoura *G*, para feno ou ervas; o outro lado da manjadoura, que terá a forma de um livro aberto a meio, é constituído por uma grade em madeira. A gaiola fecha por uma tampa *C*, em rêde de arame — da vulgar rêde de galinheiro; a frente, costas e um dos lados — o oposto ao ninho, são também em rêde.

O fundo da gaiola *D*, é constituído por um estrado, fixo ou móvel, em ripas, separadas o suficiente — cêrca de um centímetro — para darem fácil passagem às dejeccões do coelho, que são recolhidas num tabuleiro *F*, de zinco, em forma de gaveta e que entra por baixo do estrado de ripas.

O fundo do ninho é também constituído por ripas, um pouco mais juntas. A abertura *A*, cujo diâmetro deve ser de 15 centímetros, ficar um pouco ao lado e afastada do estrado 6 a 7, liga o ninho com a parte exterior da gaiola — o *parque*, chamemos-lhe assim.

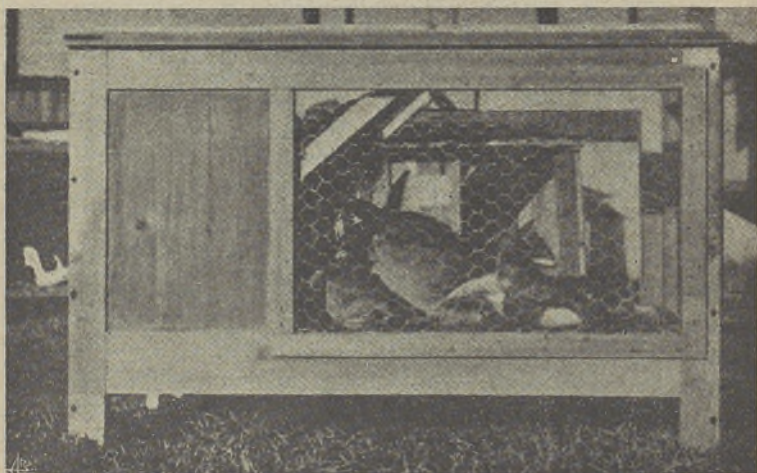
Dimensões: comprimento 1^m,20; largura 1 metro; altura 0^m,80.

Esta descrição sumária corresponde ao representado no desenho; são indispensáveis algumas observações:

Para regiões quentes, não há inconveniente, antes até vantagens, em que a frente, costas e um dos lados da gaiola sejam de rêde; mas para ponto onde haja frios mais ou menos intensos, é preferível deixar em rêde apenas a parte anterior; as costas e lado oposto ao ninho devem ser em madeira bem unida.

A tampa pode ser em rêde, se a gaiola fôr colocada debaixo de qualquer abrigo — alpendre, compartimento apropriado, etc.

Mas se não existir o alpendre ou o compartimento apropriado, a tampa terá de desempenhar a função de telhado e, conseqüentemente, será feita em madeira, coberta depois de côlmo ou, melhor, por uma placa de fibro-cimento e não será horizontal, mas sim levemente



Nesta gaiola, idêntica ao modelo anterior, não existe o tabuleiro em zinco, *F*

inclinada para a parte posterior. Como se compreende, neste caso a parte anterior da gaiola será um pouco mais alta do que a posterior—cêrca de 6 a 8 centímetros.

No entanto, a conservação das gaiolas ao ar livre é desvantajosa; deve sempre, quando não existam abrigos adaptáveis, procurar-se construir um alpendre,

junto a um muro, que servirá de abrigo. Mas, adiante voltaremos a êste assunto.

Consideramos o modêlo de gaiola descrito um dos mais práticos; temos, por experiência própria conhecido os seus bons resultados. E' utilizado por algumas dezenas de criadores de coelhos, que nos têm confirmado plenamente aquêles bons resultados.

Alguns apontam-lhe o seguinte defeito, que afinal não representa mais do que uma falta de cuidado por parte do cuniculicultor: dizem que as dejeccões líquidas, acumulando-se na gaveta de zinco, decompõem-se de pronto, dando origem a emanações prejudiciais ao coelho.

Não julgamos muito de ter em conta êste defeito, ao qual será fácil dar remédio; bastará, para isso, ter o tabuleiro de zinco sempre bem cheio de qualquer palha que absorva, na maior quantidade possível, as dejeccões líquidas (1) e proceder à limpeza, como é indispensável, todos os dias, removendo para a estrumeira (2) as palhas ou produtos que no tabuleiro se lançaram e lavar êste depois.

O criador de coelhos terá sempre, naturalmente, pelo menos uma pequena horta; convém não esquecer que o estrume produzido pelo coelho é valioso e que sem estrume não é possível cultivar, seja o que fôr, em boas condições.

Dois criadores de coelhos, receosos das emanações produzidas pelos dejectos, modificaram um pouco a gaiola que descrevemos, dando ao tabuleiro de zinco

(1) Ver *Cartilhas do Lavrador*, n.º 1 — *Os estrumes, seu valor e emprêgo* — A. Castilho.

(2) Ver *Cartilhas do Lavrador*, n.º 12 — *Estrumeiras* — A. Castilho.

uma ligeira inclinação para a parte posterior e abriram, nessa parte, dois pequenos canais, por onde escorriam as dejectões líquidas. Estas caíam numa regueira em cimento, que as conduzia à fossa da nitreira. E', sem dúvida, uma solução, que, no entanto, julgamos desnecessária, pois a limpeza diária das gaiolas — que é indispensável, voltamos a repetir — afasta qualquer possível inconveniente.

Dissemos acima que a gaiola descrita se destinava a coelhas reprodutoras; a existência do ninho, para abrigo da ninhada, assim o indicava. Para os coelhos reprodutores, o modelo pode ser o mesmo. Não há nisso qualquer inconveniente.

Podem no entanto, para estes coelhos, construir-se gaiolas absolutamente idênticas, embora um pouco mais pequenas — $1^m \times 0,80 \times 0,80$ — e em que o ninho não exista.

Os láparos conservam-se junto da coelha, na mesma gaiola, até ao desmame completo. Desmamados que sejam, passam para outras gaiolas, onde possam viver em conjunto até à idade em que se faz a separação dos sexos.

Há, como já se disse, outros modelos de gaiolas; não apresentam, no entanto, vantagens sobre o que acabamos de descrever. Apenas a um desses modelos, bastante empregado em Itália e de que já demos notícia na esplêndida revista que é a *Gazeta das Aldeias* (1), faremos referência muito ligeira, porque as gravuras juntas são suficientemente elucidativas.

Nestas gaiolas — uma destinada a coelhas repro-

(1) Ver *Gazeta das Aldeias*, n.º 1.845.

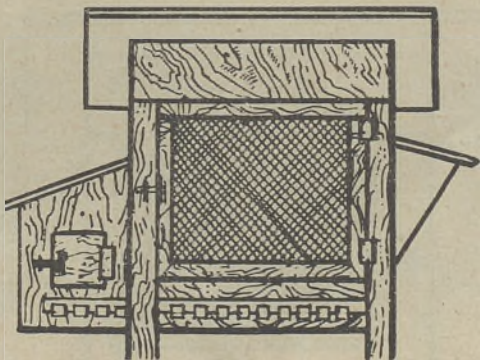
dutoras e outra a machos — a parte superior é fixa, constitui telhado; a anterior, em rêde, forma a porta; a manjadoura é colocada de lado, externamente; o fundo é, como no modelo descrito, constituído por um estrado em ripas. Não há o tabuleiro em zinco para recolher as dejecções líquidas.

O ninho, que apenas existe nas gaiolas destinadas às coelhas reprodutoras, é colocado, formando saliência, do lado oposto à manjadoura.

Bastam estas indicações para se fazer idea desta gaiola, cujas dimensões são, aproximadamente as do modelo belga: $50 \times 80 \times 50$

centímetros. Como a cobertura deve formar rampa — telhado — a altura é menor na parte posterior: 40 centímetros, pouco mais ou menos.

Vem a-propósito uma observação: o tabuleiro em zinco, que se vê na gaiola apresentada em páginas 7 (modelo belga) e que existe na descrita no princípio dêste capítulo, não é indispensável; pode suprimir-se. Mas neste caso será necessário colocar a gaiola em local em que o pavimento seja impermeável e tenha uma certa inclinação, de modo que as dejecções líquidas dos coelhos se escôem rapidamente.

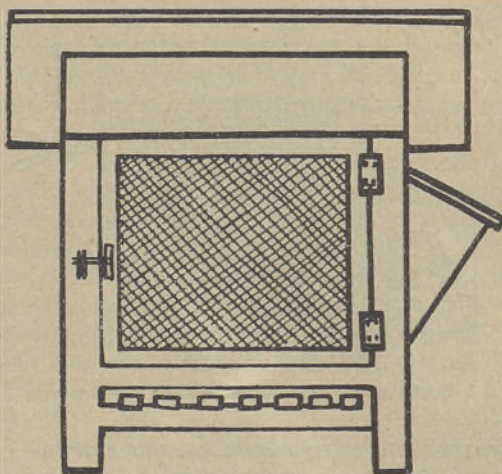


Gaiola, modelo italiano, para coelhas reprodutoras



Esse pavimento deverá ser lavado com freqüência, uma vez pelo menos todos os dias e mais do que uma nos dias quentes de Verão, para evitar que a urina, não retida pelas palhas da cama, estacionando no solo, se decomponha e produza emanações, que muito prejudicariam os animais.

Em certos casos, um pavimento em cimento ou



Gaiola para coelhos. Neste modelo não existe, como no anterior, o ninho; há apenas a manjandoura, que se vê, em parte, à direita

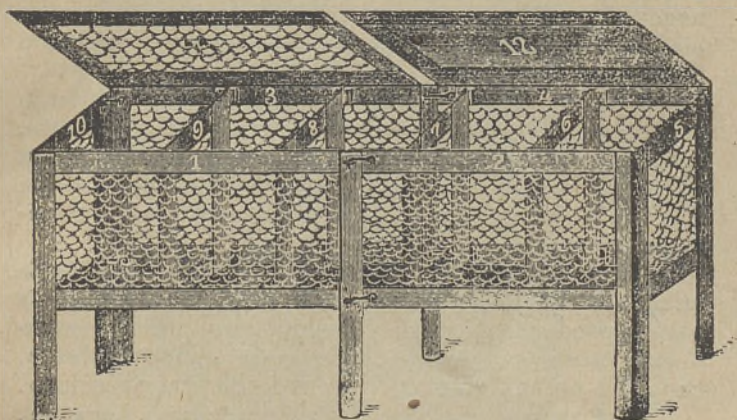
em teijolo ao baixo, bem assente e com as juntas bem tomadas, resultará mais económico do que a construção dos tabuleiros em zinco, sobretudo quando seja necessário construir um número elevado de gaiolas. E, demais, um tal pavimento é indispensável para sobre êle colocar gaiolas

maiores, onde se criam os coelhos depois de desmados, gaiolas em que não seria prático, e ainda menos económico, o emprêgo daqueles tabuleiros.

Em resumo: estes tabuleiros podem perfeitamente dispensar-se em qualquer dos modelos descritos — não existem já no modelo italiano — desde que as gaiolas

se coloquem em local onde o pavimento seja impermeável, onde, portanto, não exista o perigo da infiltração de urinas e haja possibilidade de proceder a abundantes e completas lavagens.

Não terá esquecido o ter-se dito que os coelhos reprodutores e as coelhas, durante o período de ges-



Gaiola para a criação dos coelhos depois do desmame; as divisões transversais — 6, 7, 8 e 9, são móveis, podendo, d'êste modo, aumentar-se o espaço destinado a cada grupo de coelhos. O comprimento da gaiola pode também aumentar-se, pela junção de outras gaiolas, que se prendem às anteriores por meio de ganchos, como se vê na gravura. Convém, para isto, que sejam igualmente móveis também as divisões 5 e 10

tação e aleitamento, devem conservar-se isolados, vivendo cada animal em sua gaiola. Após o desmame, logo que são apartados da mãe e até à idade dos três meses, os lâparos podem ser criados em conjunto.

Mas onde?

Dizem alguns não ser inconveniente reunir os coelhos desmamados em parques; e que do mesmo modo poderão viver, após os três meses, separados os coelhos das coelhas, até ao momento de serem abatidos aquêles ou estas, ou aproveitadas as fêmeas, algumas ou tôdas, como reprodutoras.

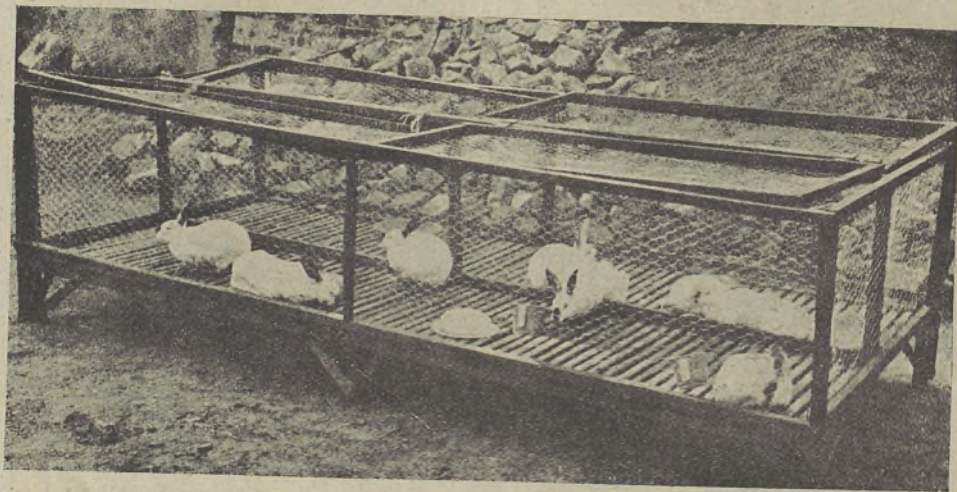
Não há grande inconveniente em que assim se proceda, desde que êsses parques sejam estabelecidos com tôdas as boas regras de hygiene: pavimento impermeável em cimento ou teijolo, ligeiramente inclinado para rápido escoamento das urinas, etc.

Podem, mesmo, nesses parques, que se vedarão com rêde de arame, colocar-se, sôbre o pavimento, estrados de madeira, de tamanho não grande para facilidade de deslocação e lavagem, feitos de ripas de 2 e meio centímetros de largura e afastadas 1 centímetro umas das outras.

Dizem outros que, principalmente quando se trate de criação de coelhos para produção de peles e ainda mais para a produção de pêlo — coelho Angora, por exemplo — que os animais devem conservar-se sempre isolados, cada um na sua gaiola. E' o caso da criação celular.

Tem defesa qualquer dêstes processos; julgamos, porém, mais conveniente e de melhores resultados, o seguinte:

O coelho desenvolve-se, engorda muito mais depressa, quando conservado numa gaiola em que disponha de pouco espaço; mas o construir uma gaiola para cada animal, colocando mesmo umas sôbre outras, seria dispendioso. Nestas condições, o mais prático é construir gaiolas simples, como as representadas em qualquer das gravuras juntas, nas quais podem viver, e criar-se, os coelhos até ao momento de serem sacrificados.



Neste modelo de gaiola, muito usado pelos criadores franceses, a divisão é feita a meio, no sentido longitudinal e transversal. Fica assim a gaiola dividida em quatro compartimentos, cada um com tampa independente. Como se vê na gravura, o estrado é constituído por ripas; os comedouros em fôlha, são dependurados na própria rêde da gaiola. Compare-se êste processo de criação com o vulgarmente usado entre nós, em cantos escuros e sujos, infectos, onde os coelhos *abrem* luras no estrume, que se acumula de ano para ano!

Os desenhos indicam que os lados e a parte superior dessas gaiolas são feitos em rêde; numa há separações móveis, também em rêde, que a dividem no sentido da largura, em pequenos compartimentos. Noutra, essas divisões, feitas a meio, longitudinal e transversalmente, em cruz, dividem a gaiola em quatro partes. E num e noutro modelo, o fundo é constituído por um estrado de ripas de madeira, semelhante aos das gaiolas dos machos e coelhas reprodutoras. Uma destas gaiolas, pela junção de corpos sucessivos, pode ter o comprimento que desejarmos.

Qualquer dos modelos é bom e económico; as dimensões serão calculadas de modo que cada láparo possa dispor de 20 centímetros quadrados e cada coelha ou coelho adulto, 25. Não convém, no entanto, fazer gaiolas muito grandes ou que as divisões sejam grandes, pois em cada divisão não se devem juntar mais de 8 a 12 animais. Claro é que, depois dos três meses, se os coelhos não tiverem sido castrados, não se juntarão com as fêmeas. Feita a castração, o que é sempre vantajoso, como dissemos, não há inconveniente em juntar machos e fêmeas.

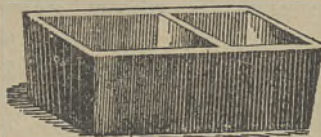
COMEDOUROS

Os alimentos — já sabemos também por se ter dito — não podem ser deitados sobre as palhas das camas; haverá, portanto, nas gaiolas, fixas ou móveis, manjedouras e gamelas ou comedouros.

Há vários modelos de umas e outros; apenas a um de cada nos vamos referir.

As gamelas ou comedouros, precisam ser pesadas, para que o animal ou animais não os voltem e entornem

a comida e ainda para que as coelhas os não arrastem para o ninho, o que frequentemente tentam. E' bom modelo de gamela o apresentado na figura junta; pode ser em ferro fundido ou em barro vidrado, em cimento ou em madeira, forrada de zinco bastante grosso. A divisão mais pequena servirá para a água e a maior para alimentos.



Comedouro, em ferro, madeira forrada de zinco ou barro vidrado. A divisão menor destina-se a água

Para fenos e ervas, é muito prática a manjedoura J. Salema, cuja descrição pedimos ao livro, já citado, daquele ilustre cuniculicultor.

«E' um caixote, diz o autor, rectangular com as seguintes dimensões internas: comprimento 31 centímetros, largura 15 e altura 35. As faces laterais e posterior são de madeira. A da frente tem na parte superior uma tábua de 12 centímetros de largura, em que fixam as extremidades de quatro arames, os quais, curvando-se em baixo em ângulo recto, vão segurar-se pelas suas extremidades na borda inferior da tábua das costas da manjedoura, cujo fundo fica, assim, constituído apenas por quatro arames horizontais. O espaço que estes devem conservar entre si varia com a raça de coelhos e com a idade dos mesmos, podendo ir de 4 centímetros até 6, ou 7, não havendo conveniência alguma em aproximar os arames neste sistema de manjedouras, como se faz nas outras, com o baldado intento de impedir o acesso dos animais, o qual evito por completo, graças à tampa móvel, marcada na figura com a letra A. Esta é constituída por duas tabuítas,

uma das quais assenta sôbre a comida, tendo o comprimento e a largura da manjadoura, e outra, que nela se prega de lado e tem 10 centímetros de altura. E' nesta última que se vê na figura a letra A. Para que elas não abram, nem apertem, e se conservem



Manjadoura sistema Salema

sempre em esquadria, prega-se numa e noutra, pouco mais ou menos ao meio, uma tabuinha quadrada, que se não vê na figura, e que também serve de pega, para se pôr e tirar a tampa. Para evitar que esta fique muito pesada devem empregar-se tabuítas finas.

Estando a manjadoura fixa, por meio de duas argolas, na porta, ou numa parede da gaiola, enche-se de comida com uma das mãos, depois de se ter tirado, com a outra, a tampa,

que em seguida se coloca novamente sôbre os alimentos. À medida que os coelhos vão comendo estes, a tampa, obrigada pelo seu próprio pêso, desce até pousar num pequeno descanso, ou régua de madeira, pregada por dentro nas costas da manjadoura, a 7 centímetros acima do fundo.

E' claro que se podem construir manjadouras com o comprimento que se desejar. A altura também pode aumentar, desde que se combine a largura da tábua superior da frente com a altura da tábua A. A largura da manjadoura é que não deve ultrapassar 20 centímetros.»

Estes modelos de comedouros, que acabamos de descrever, são práticos, o que não quer dizer que outros, igualmente práticos, não existam. Que se empreguem uns ou outros é o essencial, pois os alimentos devem conservar-se sempre limpos e em caso algum devem ser espalhados no pavimento da gaiola ou coelheira.

Nas gaiolas deve existir sempre uma cama abundante, que se conservará escrupulosamente limpa. A melhor palha para a cama é a de aveia ou de trigo. O feno não serve, pois poderia despertar ao animal o apetite de o comer, o que daria origem a graves inconvenientes.

A mudança da cama deve fazer-se com freqüência; não esquecer que o estrume produzido pelos coelhos é valioso.

Para terminar com êste assunto, diremos que as gaiolas feitas com vélhos barris, inteiros ou seccionados pelo bôjo, etc., devem ser postas de lado.

Construam-se gaiolas económicas aproveitando a madeira de vélhas caixas, condenadas muitas vezes ao fogo; gaste-se menos tempo na construção, que pode ser menos perfeita. Adopte-se, porém, qualquer dos modelos de gaiola indicados ou outro semelhante. E passemos a tratar de abrigos.

O coelho deve ser conservado em local que não seja úmido, livre de correntes de ar, que lhe são prejudicialíssimas, não muito quente nem muito frio e suficientemente iluminado. Uma loja ou um cobêrto que satisfaça a estas condições servirá, perfeitamente, para aí colocar as gaiolas com os coelhos e obter, da criação, bons resultados.

Na falta de qualquer local que satisfaça às condi-

ções indicadas, o melhor será construir, junto a um muro, abrigado do Norte e Oeste, um cobêrto, em telha ou simplesmente em cômlo — nunca em zinco, que é excessivamente quente no Verão e frio no Inverno — debaixo do qual se abriguem as gaiolas. E é sempre possível fazer-se uma construção destas, que resulte económica.

Convém dar a êsse cobêrto uma inclinação grande, e a largura suficiente para evitar que a chuva, quando impelida pelo vento, não vá molhar as gaiolas e, conseqüentemente, os coelhos. Em certos casos, em regiões de frio intenso e chuvas grandes e persistentes, para abrigar um pouco os animais, é conveniente dependurar ou prender da extremidade do cobêrto, esteiras, que abriguem os coelhos do frio, vento ou chuva. Durante o dia e quando haja sol, essas esteiras enrolam-se para a parte superior, pouco mais ou menos do modo como se procede com os estores das janelas das nossas casas.

O pavimento sôbre que se coloquem as gaiolas — volta-se a insistir no mesmo assunto, para que se fixe — será feito em cimento, tejo ou lages, de modo que a urina não se infiltre no terreno. Deverá existir perto água para freqüentes e abundantes lavagens.

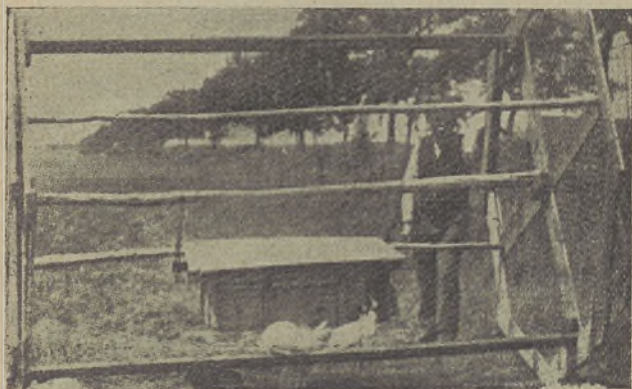
Na hipótese da criação dos láparos e engorda dos coelhos em parques, estes serão estabelecidos também sob um abrigo — cobêrto, hangar, etc., e em local que satisfaça às condições acima apontadas.

Por último e a fechar o capítulo:

Há, quem defenda a criação do coelho — não dos reprodutores — ao ar livre. Embora não possamos concordar com êste processo de criação que tem, no entanto, grandes defensores, devemos fazer-lhe referên-

cia, especialmente para dizer como um cuniculicultor francês a pratica e com bons resultados, segundo afirma.

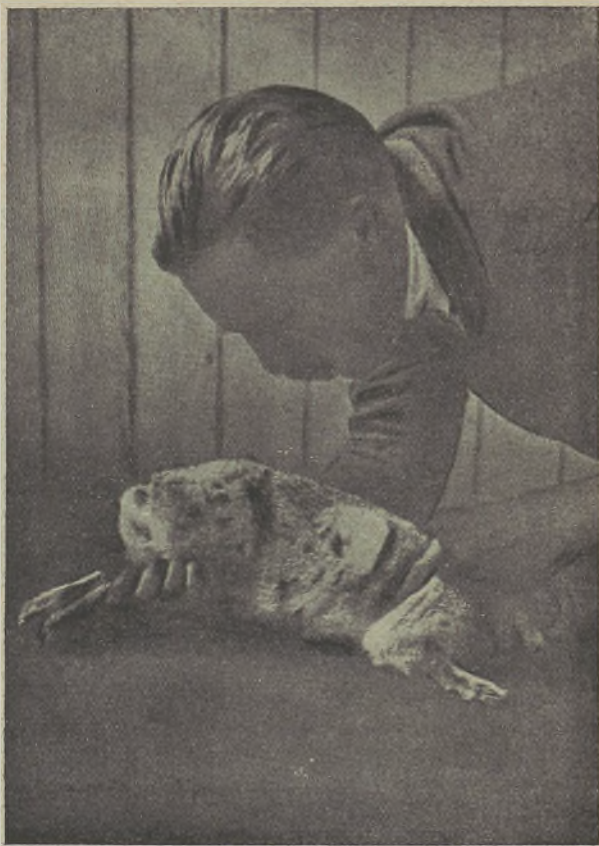
Fêz êste criador construir umas grandes gaiolas, em rêde de arame, de secção hexagonal e com o comprimento de 2 a 3 metros. No centro da gaiola—unindo os hexágonos laterais, há uma vara, em madeira, da



Curioso modelo de gaiola para a criação dos coelhos em pleno campo. Com um simples empurrão, esta gaiola desloca-se de um ponto para outro; a casota, que serve de abrigo aos coelhos, está suspensa a meio da vara que une os centros dos hexágonos que formam os topos

qual está suspensa uma pequena gaiola, para abrigo dos coelhos.

A gaiola em rêde, que terá, como se vê na gravura, a forma de um prisma hexagonal, é levada para o campo; através da rêde passam as ervas, que os coelhos vão comendo. Desde que no ponto onde a gaiola se encontra não haja já alimento, um simples empurrão desloca-a para diante. A casota de abrigo,



Antes de se sacrificar um coelho, cuja pele se pretende aproveitar, verifica-se se já fez a muda; para isto imobiliza-se sobre uma mesa e sopra-se fortemente o pêlo até se ver o couro, que se observa em diferentes pontos. (Ver capítulo seguinte)

suspensa, da vara central, por meio de correntes, que terminam por argolas em ferro, bastante largas, para girarem facilmente à volta da vara, desloca-se conjuntamente com a gaiola, conservando porém a sua posição relativa. A figura junta diz bem mais do que as palavras.

Será prático êste processo de criação dos láparos? Não sabemos responder. No entanto tem, como dissemos, defensores grandes.

APROVEITAMENTO DAS PELES

Nas linhas que seguem trataremos apenas do aproveitamento das peles; passar-se-á em claro a sua preparação, não só por considerarmos que tal assunto excede ao limites do *ABC da criação do coelho*, mas ainda por nos parecer que êsse trabalho pertence aos curtidores, que o executam com mais facilidade e mais perfeição do que o particular. E mesmo, a êste, pouco interessa tal preparação, a não ser que destine algumas peles dos seus coelhos a vestuário próprio; poucas vezes isto se verifica, pois o que interessa ao criador é obter carne para alimento seu e dos seus, ou para o mercado, e peles para venda. Além de que os compradores, na maioria dos casos, preferem adquirir peles simplesmente sêcas, que depois preparam ou mandam preparar a seu modo.

Observemos, no entanto, que a preparação das peles do coelho não é difficil; conhecemos muitos criadores que a fazem e com perfeição. Possuímos ainda hoje um casaco, forrado de peles de coelho, curtidas por pessoa de familia, que já há muito nos deixou; o tecido rompeu-se, gastou-se com o uso, em successivos invernos; mas o fôrro, as peles, resistiram perfeitamente ao dobar dos anos. Todavia, e repetindo, o assunto excede os limites desta *Cartilha*.

O valor da pele depende não só do modo como tenha sido criado o coelho, mas também, e muito principalmente, da boa escolha do momento em que se deve matar o animal e do modo como se lhe retira a pele.

A escolha do momento oportuno para sacrificar o coelho nem sempre é fácil, a despeito das regras que para tal fim se apontam.

A idade e a época próprias são variáveis, pois diferem de raça para raça e do modo como o animal se crie; coelho normal, coelho precoce, método de alimentação, são tudo factores a ter em conta para a escolha da oportunidade da matança — se é lícito empregar êste têrmo.

Tratando-se de coelhos que se desenvolvam normalmente, para obter boas peles devem sacrificar-se entre os 6 e 8 meses;



Para matar rapidamente um coelho, segura-se pelas patas posteriores; com a mão estendida, em cutelo, dá-se uma pancada forte, sêca, na nuca



Morto o coelho, prende-se-lhe às patas posteriores uma corda fina, mas forte, pela qual se dependura

se, pelo contrário, se criam animais precoces, de rápido desenvolvimento, poderão já ser mortos aos 4 ou 5 meses, depois de concluída a segunda muda. Por último, o modo de alimentação exerce acentuada influência sobre a qualidade da pele. Animais magros, mal alimentados—volta-se a dizer—dão sempre peles de má qualidade, pouco valiosas, consequentemente.

Convirá dizer —o que aliás fácil era de deduzir de tudo quanto se tem escrito— que o criador, no seu próprio interesse, deve esco-

lher animais precoces, os quais, assim, mais rapidamente produzirão carne e peles. A precocidade, como sabemos, é principalmente transmitida pelo macho.

Freqüentemente as peles apresentam-se umas vezes com pêlo pouco abundante, outras com manchas mais ou menos escuras, que se notam no couro. Dão-se estes factos quando a muda ainda não se iniciou ou não chegou a têrmo.

Para evitar o sacrificio de animais nestas condições, que dariam peles de diminuto valor, convém examinar a pelagem e a pele do coelho antes de o matar; e o exame é simples e fácil.

Quando se julgue que o coelho está em condições de ser sacrificado e produzir boa pele, agarra-se pelo lombo, o mais próximo possível das espáduas — nunca pelas orelhas, como é costume, mas costume bárbaro, porque faz sofrer, sem qualquer vantagem, o animal — e passa-se a mão livre pelo pêlo, em sentido contrário ao da acama; verifica-se, neste primeiro exame, se o pêlo é abundante, espêso, relativamente forte, e se, sôlto da mão, volta à sua posição primitiva. Separam-se os coelhos que neste



Para sangrar um coelho, depois de dependurado, com uma faca tira-se-lhe um dos olhos

primeiro exame pareçam estar em condições de darem boas peles.

Procede-se depois a um segundo exame, mais cuidado. Do mesmo modo, com a mão esquerda, agarra-se o animal pela



Quando se verifica ter terminado o escoamento do sangue, limpa-se cuidadosamente a órbita e o pêlo que fica à volta

pele das costas; com a mão direita seguram-se as patas posteriores e estende-se sobre uma mesa. Sopra-se, depois, com força o pêlo do coelho, daquele modo imobilizado, procurando que o pêlo, pela acção do sôpro, se afaste, deixando ver a pele. Três casos se podem dar:

1.º O couro apresenta-se branco: não há, portanto, indícios de muda. O coelho pode ser sacrificado;

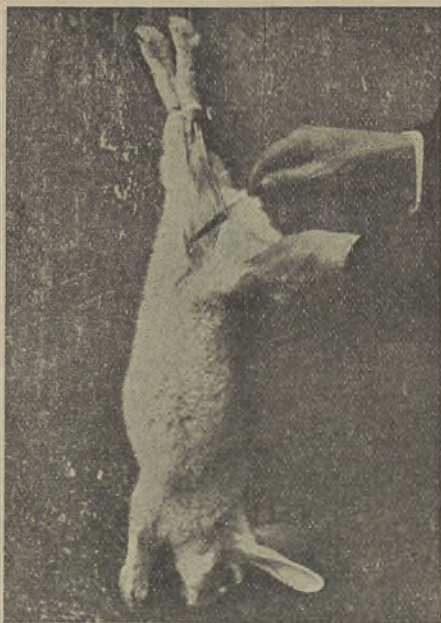
2.º O couro apresenta-se escuro e o pêlo é de comprimento uniforme: a muda não terminou. O coelho não deve ser sacrificado;

3.º Uma grande quantidade de pêlos curtos não deixam ver o couro; ou se êste consegue ver-se,

nota-se que o pêlo é de comprimento nitidamente inferior ao normal: o pêlo está em crescimento. O animal também não deve ser sacrificado.

Êste exame não se faz a todo o corpo, o que o tornaria extremamente moroso. Examinam-se as costas e os flancos; não se notando, aqui, qualquer diferença, examina-se a nuca e as ancas. Se em todos estes pontos virmos o couro completamente branco, pode haver a certeza de que a muda terminou e que, portanto, o animal pode ser sacrificado. Nestas condições não aparecerão, no carnoz, as manchas escuras que tanto depreciam as peles, pois são indício seguro de que o animal foi morto em momento inoportuno.

Como sacrificar o coelho? O processo mais simples é o seguinte: segura-se o coelho pelas patas



Efolam-se primeiro as patas posteriores, depois de haver cortado a pele junto ao joelho.

posteriores, de cabeça para baixo e com a mão direita em cutelo, dá-se-lhe uma pancada sêca, forte na nuca.



Passa-se um dedo entre a pele e a cauda, que se esfola em parte e depois se corta

O animal morre prontamente e parece que sem sofrimento.

Há um outro processo, mais expedito, dizem, e portanto aconselhável, em determinadas circunstâncias: com a mão esquerda segura-se o animal por uma das coxas; com a mão direita, agarra-se o pescoço, procurando introduzir o polegar e o index numa articulação da coluna vertebral; apoia-se o animal a uma das pernas do operador e dá-se um esticão forte e brusco. Desarticula-se, assim, a coluna vertebral, o que ocasiona uma morte instantânea.

Qualquer destes processos é bastante empregado, embora mais o primeiro, ao qual se aponta o inconveniente de deixar, no ponto onde incidiu a pancada, uma mancha escura, ocasionada pelo traumatismo.

Segundo alguns, a pele nesse ponto é também

prejudicada quando o animal é sacrificado por tal processo.

Morto o coelho, a uma das patas posteriores, quási na extremidade, prende-se uma corda fina, mas



Agarra-se na pele com as duas mãos e puxa-se progressivamente de cima para baixo



Efolam-se, em seguida, as patas da frente

forte, com o comprimento aproximado de 40 centímetros; prende-se, na outra pata, a extremidade da corda, pela qual se dependura, em seguida, o coelho de um prego forte, que se tenha metido numa tábua, porta, ou qualquer dispositivo apropriado.

Antes disto, aconselham alguns autores que se exerça, com as mãos, uma certa pressão na parte posterior do ventre, para provocar o esvaziamento da bexiga. Evita-se, dêste modo, que a urina seja absor-



Para esfolar a cabeça, corta-se a pele à volta dos olhos, cortam-se as orelhas e por fim à volta do nariz



Com uma vélha navalha de barba, fende-se a pele desde o lábio inferior até ao ânus

vida pela carne, o que muito a deprecia. E' bom o conselho, pôsto sempre em prática pelos caçadores, quando o seu chumbo *embrulha* um coelho ou uma lebre; lembranças de quem sacrificou a Santo Huberto!

Feita ou não esta operação, suspenso o coelho, de

cabeça para baixo, sangra-se; para isto, com a ponta de uma faca, tira-se um dos olhos do animal ou sangra-se no céu da bôca.

Escorrido o sangue, limpo com um pano o que tenha sujado o pêlo, procede-se à esfolação, que será tanto mais fácil quanto mais quente ainda se encontrar o animal.

Com uma faca bem afiada, corta-se a pele, em cada perna, à volta do joelho; procede-se com cuidado de modo a cortar apenas a pele sem chegar à carne. Introduz-

se depois a ponta da faca entre a carne e a pele e corta-se esta, pela

parte posterior da perna, até ao ânus; faz-se a mesma operação na outra perna e, por um outro golpe, reünem-se os dois cortes feitos nas pernas, as quais, em seguida, se esfolam até às coxas. Nesta altura introduz-se um dedo entre a pele e a base da cauda, cortando-se esta depois; fica, assim, fazendo parte da pele.



Para a secagem estende-se a pele sôbre uma tábua, com o pêlo para dentro e fixa-se na parte superior com quatro pequenos pregos

Dobra-se, em seguida, a parte da pele já desligada das pernas e da cauda e vai-se puxando, de cima para baixo, do mesmo modo como se descalçam as luvas altas,



... estende-se depois bem e fixa-se dos lados

que as senhoras usam. A pele sai sem dificuldade; não é preciso empregar a faca; não é preciso, nem se deve empregar.

Chegando-se às pernas anteriores, mete-se um dedo entre a pele e cada uma das pernas, como se procedeu para a cauda; puxa-se pela perna e a pele vai-se desligando da carne: o pêlo fica para o interior e o carnaz para fora. Atingido o joelho, corta-se a pele à volta dêste. Continuando-se a puxar desliga-se a pele no pescoço;

chega-se às orelhas que se cortam. Depois corta-se com cuidado a pele à volta dos olhos; por fim à volta do nariz. E está a operação concluída.

Com um pouco de prática esfolia-se o coelho com grande rapidez e perfeição, obtendo-se boas peles. Proceder rapidamente, enquanto o animal se conserva

quente e não empregar a faca, a não ser para cortar a pele nas pernas, à volta dos olhos e orelhas. E repetimos aqui o que dissemos a-propósito da castração: o esfolar um coelho é operação muito mais simples de executar do que de descrever. Aprende-se vendo e praticando.

Terminadas as operações precedentemente descritas, procede-se à secagem das peles de modo a dar-lhe o maior valor e a melhor apresentação possível.

A pele ficou como o cano de uma luva: o pêlo voltado para dentro, o carnaz para a parte exterior; urge secá-la; podem empregar-se dois processos de secagem.

Num conserva-se a pele conforme saiu do coelho; introduz-se até perto do pescoço um pouco de arame dobrado em *U*, ou um bocado de junco ou de vime, dobrado da mesma forma. A tensão do arame, junco ou vime, ocasionada pela dobra, conservará a pele bem distendida, perfeitamente lisa. Não vale a pena perder muitas palavras em descrições, pois as gravuras publicadas nas primeiras páginas claramente dizem como se deve proceder.

Coloca-se depois a pele a secar, dependurando-a em local arejado, mas não quente e ao abrigo do sol.

O arame ou junco devem ser colocados de modo que a parte da pele correspondente às costas e ao ventre fiquem bem distendidas e sem qualquer dobra; portanto aquêles tensores—o arame ou o junco ou até uma vara de vime—colocar-se-ão de modo a exercerem a pressão sôbre a parte correspondente aos flancos.

Há quem aconselhe encher as peles com palha, folhelho, etc., dispensando assim aquêles tensores. E' inconveniente esta prática: a pele, depois de sêca, fica sempre imperfeita.

Êste processo de secagem é o mais usado. O outro, que em certos casos quási sempre apresenta vantagens, consiste em abrir a pele pela parte mediana do ventre,



Por último fixa-se na parte inferior; a pele deve ficar bem distendida

operação que se faz, não com uma tesoura mas com uma navalha bem afiada — serve esplêndidamente para êste serviço uma vé-lha navalha de barba ou uma lâmina das vulgares máquinas de fazer a barba. A pele, na parte mediana, correspondente à barriga, tem uma ligeira linha branca quási imperceptível; é por esta linha que se deve fazer o corte. Aberta a pele, com pequenos pregos prende-se a uma tábua, colocada também em local abrigado, procurando, ao pregá-la, distendê-la bem em todos os sentidos.

Alguns criadores de coelhos, em vez de pregarem as peles, como se disse, numa tábua ou porta, prendem-na a um rectângulo de madeira, de tamanho aproximado ao da pele, rectângulo que não é mais do que um çaxilho feito com quatro ripas ou tabuítas delgadas. E' bom êste processo.

Quer se use êste caixilho, quer se recorra a qualquer tábua ou porta, na colocação da pele procede-se sempre do mesmo modo: prega-se ou segura-se primeiro a parte da pele correspondente à cabeça; depois um lado e em seguida o outro e por último a parte correspondente à cauda e patas posteriores. Haverá o cuidado de não deixar rugas, isto é, a pele ficará sempre bem distendida.

A secagem das peles por êste processo, quando bem executado, é o preferível: a secagem é mais perfeita, mais regular. Tem, porém, o inconveniente de exigir uma superfície grande, inconveniente a que se obvia com o emprêgo dos quadros ou caixilhos a que nos referimos já e que se colocam depois, com as peles, em local apropriado à secagem: local bem arejado, mas ao abrigo do sol e umidade.

Para peles de qualidade corrente, a secagem feita pelo processo primeiramente indicado e conhecido, dos tensores de arame, vime ou junco, dá resultados que satisfazem completamente. Um ou outro processo se poderá utilizar desde que se empregue com cuidado. De uma regular secagem depende muito a boa qualidade da pele.

Sêcas as peles deve procurar-se, tão rapidamente quanto possível, a sua venda; enquanto esta não se efectuar, conservar-se-ão empilhadas numa caixa, em local bem sêco e intensamente polvilhadas com qualquer pó insecticida ou insectífugo: naftalina, piretro, etc. Isto é indispensável.

Tenha-se, no entanto, em vista que as peles, além da perfeição e boa qualidade, são tanto mais valiosas quanto maior fôr a sua quantidade e quanto mais semelhante seja o lote.

Em resumo e para terminar:

Antes de sacrificar o coelho deve verificar-se se a muda terminou.

Proceder ao esfolamento com todo o cuidado, proceder igualmente com cuidado à secagem.

Por último, conservar bem as peles, enquanto se aguarda a venda, com pós insecticidas ou insectífugos.

HIGIENE E DOENÇAS

O coelho é um animal essencialmente rústico, forte e resistente às doenças. Pouco as teme e pode, quasi, sorrir das epidemias.

Mas então esses flagelos que dizimam totalmente, às vezes, as criações?! Como se poderá tomar a sério aquela afirmação, acima feita?! — dirão, talvez, muitos que se julgam criadores de coelhos, ao ler as palavras com que iniciamos este capítulo.

Correspondem, no entanto, essas palavras a uma absoluta verdade, como verdade é também o aparecimento de doenças, que fazem enormes razias nas coelheiras.

Contradição? Não: o coelho é um animal rústico, forte e resistente às doenças, quando se respeitam as regras da mais absoluta higiene; desprezada esta, as doenças surgem, alastram rapidamente e fazem vítimas às centenas.

Os cuidados com a alimentação, limpeza e desinfecção das gaiolas, arredam as doenças; só episòdicamente, se pode dizer, aparecem, quando tais cuidados constituam preocupação constante na exploração cunicícola.

Infelizmente o criador de coelhos, na generalidade,

julga que êste animal não exige cuidados; considera-os até um luxo. Sofre depois as conseqüências do seu errado modo de pensar.

Referir aqui as regras de higiene a respeitar na criação dêstes animais, corresponderia a repetir muito do que ficou escrito para trás; além disto, já demasiadamente nos alongamos, o que nos levou a muito exceder os limites marcados para êste trabalho.

Vamos, portanto, dar apenas ligeiríssimas indicações sôbre a doença que mais prejuizos causa aos criadores de coelhos.

Essa doença, a mais comum nas coelheiras e que mais vítimas ocasiona, é a coccidiose, flagelo que vitima principalmente os lâparos; os animais adultos suportam-na melhor ou pior.

Os coelhos doentes, atacados de coccidiose, principiam a emmagrecer; com o pêlo levantado, apresentam-se tristes, comem pouco. Ao fim de alguns dias, o ventre incha e em breve os animais morrem, depois de um último período em que aparece diarreia e às vezes convulsões.

Abrindo um coelho morto pela coccidiose, vêem-se os intestinos inchados e que a cavidade abdominal contém, em abundância, um líquido claro; que o fígado está volumoso e mostra à superfície pequenas manchas brancas. Observando os intestinos com mais cuidado, encontram-se as mesmas manchas esbranquiçadas.

Desde que a doença aparece, devem isolar-se os coelhos doentes e desinfectar cuidadosamente as gaiolas onde viviam. Aos animais sãos applica-se um tratamento preventivo, que consiste no seguinte:

Misturam-se 30 gramas de timol com 200 gramas de azeite bom; junta-se êste azeite timolado a 100 gramas de farelos e mistura-se tudo bem para distri-

buição perfeita do óleo. Depois, durante oito dias consecutivos, aos coelhos adultos dá-se diariamente uma colher desta mistura; para os láparos, com pêso aproximado de um quilo, dar-se-á a quarta ou quinta parte da mesma quantidade ou, o que é mais prático, distribui-se o conteúdo de uma colher por cada grupo de quatro ou cinco láparos.

Este tratamento preventivo deve fazer-se todos os meses. O tratamento curativo é, freqüentemente, de resultados duvidosos.

A coccidiose transmite-se pelos excrementos; é portanto indispensável a maior limpeza possível nas gaiolas.

Mas será esta a única doença que ataca os coelhos? Não; há muitas outras, a que não fazemos referência, tanto mais que em outro volume desta biblioteca se tratará detidamente das doenças destes animais. Apenas como guia vamos dizer

COMO DISTINGUIR AS DOENÇAS MAIS FREQUENTES NOS COELHOS

Em alguns casos, o criador só poderá fazer um diagnóstico mais ou menos seguro da doença que ataca ou vitima os seus coelhos, depois da autópsia. Por isto a tal operação nos referimos nas ligeiras notas que seguem.

O coelho não mostra sinais aparentes de doença.

a) Sacode a cabeça com freqüência; conserva-a, às vezes, inclinada; em certas ocasiões perde o equilíbrio.

1—Apresenta crostas nas orelhas — *Sarna das orelhas*.

(Desenvolvimento lento; tratamento fácil; contagiosa).

2—Não se vêem crostas nas orelhas — *Lesões medulares*.

(Desenvolvimento bastante lento; incurável; não contagiosa).

b) Há queda do pêlo, por placas arredondadas, que aparecem primeiro, geralmente, no focinho — *Sarna*.

(Desenvolvimento rápido; tratamento incerto; excessivamente contagiosa).

c) Tumefacções do tamanho de uma noz, relativamente moles.

1—Se, abertos os tumores, verificamos a existência de um líquido transparente e no mesmo se notam larvas de ténia — *Cenurose*.

(Desenvolvimento lento; tratamento aleatório; não contagiosa).

2—Se, ao abrir os tumores, se encontra um líquido caseoso e não há ténias — *Supuração caseosa*.

(Desenvolvimento lento; tratamento aleatório; contagiosa).

d) Ulcerações, placas ou turgescências nos órgãos genitais, mas sem supuração — *Espiroquetose* — *Sífilis do coelho*.

(Desenvolvimento lento; tratamento fácil; relativamente contagiosa).

e) Se nos excrementos aparecem larvas de ténia ou estas se notam quando feita a autópsia; ventre raramente inchado—*Teníase*.

(Desenvolvimento rápido; tratamento preventivo; não contagiosa).

f) Sujidades no ânus—ventre normal; ausência de ténias—*Diarreia alimentar*.

(Desenvolvimento pouco rápido; tratamento geralmente eficaz; não contagiosa).

O coelho come pouco ou não come e mostra sinais de doença.

a) O coelho não tem o ventre inchado.

1—Se tem o ânus sujo e ao autopsiá-lo se encontram larvas da ténia—*Cisticercose*.

(Desenvolvimento lento; incurável; não contagiosa).

2—O animal conserva-se imóvel; não come; na autópsia aparecem granulações esponjosas, esbranquiçadas, no fígado, baço e rins, granulações que se notam à simples vista ou com uma lente—*Tuberculose*.

(Incurável; extremamente contagiosa).

3—Debilidade, imobilidade, inapetência; na autópsia observa-se congestão das vísceras ou do peritoneu—*Septicemia*.

(Desenvolvimento rapidíssimo; apenas possível o tratamento preventivo; contagiosíssima).

4 — Mucosidades nasais esbranquiçadas, às vezes espessas, outras, simples secreção; espirros freqüentes — *Coriza*.

(Desenvolvimento rápido; tratamento preventivo e curativos eficazes; muito contagiosa).

b) O coelho apresenta o ventre inchado (excluídos, nas coelhas, os casos de gravidez, é claro).

1 — Se à palpação, feita no sentido longitudinal, se nota a existência de corpos estranhos — *Obstrução intestinal*.

(Desenvolvimento rápido; tratamento bastante eficaz; não contagiosa).

2 — Se a palpação não acusa a existência de corpos estranhos.

A) Quando, na autópsia, se encontram no fígado e intestinos manchas de um branco amarelado — *Coccidiose*.

B) Quando não aparecem as manchas mas se notam larvas da ténia nas vísceras — *Cesticercose*.

(Desenvolvimento relativamente rápido; tratamento preventivo eficaz; curativo, freqüentemente possível; não contagiosa).

C) Quando na autópsia não se encontram larvas de ténia.

Se o volume do estômago é normal e embora cheio de alimentos os intestinos se apresentam também normais — *Indigestão*.

(Desenvolvimento rapidíssimo; não houve lugar ou tempo para tratamentos).

*

* *

Chegamos ao fim da jornada em que, amigo leitor, pacientemente, nos acompanhaste. Que te seja útil este *ABC da criação do coelho* são os desejos de quem se atreveu a escrevê-lo.

CENTRO EDITORIAL
ROMULO DE GARRA

ÍNDICE

	Pág.
INTRODUÇÃO E PROGRAMA.	5
RAÇAS	23
Coelho Gigante Paivense	24
Coelho Gigante de Espanha	25
Coelho Gigante de Flandres	26
Coelho Prateado da Champagne	26
Coelho Normando	26
Coelhos Rex	27
REPRODUÇÃO	29
Escolha dos reprodutores	29
Fecundação	31
Gestação	34
Parto	37
Acidentes do parto	41
Aleitamento	43
Desmame	44
Castração	46
ALIMENTAÇÃO	48
ALOJAMENTO DOS COELHOS	58
Gaiolas	60
Comedouros	70
Abrigos	73
APROVEITAMENTO DAS PELES.	77
HIGIENE E DOENÇAS	92
Como distinguir as doenças mais frequentes nos coelhos	95



RÓMULO



CENTRO CIÊNCIA VNA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329709838



VOLUMES PUBLICADOS:

- 1— *Os Estrumes*— Seu valor e emprêgo. Esgotado.
- 2— *Como se compra um cavallo*. Esgot.
- 3— *Criação económica do porco na pequena propriedade*. Esgot.
- 4— *Como se fabrica o queijo*. Esgot.
- 5— *Guia do comprador de gados*. Esgot.
- 6— *Doenças das plantas e meios de as combater*.
- 7— *Afolhamentos e Rotação das Culturas*.
- 8— *Adubos Químicos*.
- 9— *O A B C da Avicultura*. Esgot.
- 10— *Destruição dos insectos prejudiciais*.
- 11— *Os Auxiliares*— Meios biológicos de luta contra os insectos.
- 12— *Estrumeiras*.
- 13— *Os adubos*— Razões do seu emprêgo.
- 14— *As melhores forragens*— Serradela.
- 15-16— *Os adubos*— Condições da sua efficacia.
- 17— *Os adubos azotados*.
- 18-19— *Cultura do milho*.
- 20— *Os adubos potássicos*.
- 21-22— *As máquinas na cultura do milho*.
- 23— *As melhores forragens*— Ervilhacas.
- 24— *Os adubos fosfatados*.
- 25— *A cal e a fertilidade das terras*.
- 26— *Inimigos do milho*.
- 27-28— *As melhores pereiras*— Castas comerciais estrangeiras.
- 29— *Os correctivos calcáreos*.
- 30— *Cultura do espargo*.
- 31— *Transformação dos adubos quimicos no solo*.
- 32— *Os adubos compostos e especiais*.
- 33-34— *Citricultura*— Cultura da laranja, limoeiro, etc.— 1.^a Parte.
- 35— *Limpeza da adega e conservação do material vinário*.
- 36— *O ovo*.
- 37— *Aproveitamento dos vinhaços*.
- 38-39— *Citricultura*— Principais variedades de citrus cultivados— 2.^a Parte.
- 40— *A Vendima*.
- 41-42— *Como se mede um campo*.
- 43— *Pedrado da Pereira e da Macieira*.
- 44— *Pulgão Lanígero*.
- 45-46— *Meios de Propagação dos Citrus*.
- 47-48— *Doenças das Pereiras e Macieiras*.
Doenças fisiológicas e de origem vegetal.
- 49-50— *Cultura do linho*.
- 51— *A Tosquia*.
- 52-53— *O Leite*.
- 54— *Môscas das laranjas ou môscas dos frutos*.
- 55— *Melhoramento dos Citrus cultivados*— *Seleção*— *Hibridação*.
- 56-57— *Como se fabrica a manteiga*.
- 58— *Determinação do grau alcoólico dos vinhos*.
- 59— *Determinação da acidez dos vinhos*.
- 60-62— *O A B C da criação do coelho*.
- 63— *Vermes parasitas dos animais domésticos*.
- 64-66— *Plantas pratenses*— Gramíneas.

VOLUMES A PUBLICAR:

(O modo como os volumes vão seriados não indica que seja a ordem de publicação)

- | | |
|--|---|
| <p><i>Plantas pratenses</i>— Trevos.
<i>Cultura da ervilha</i>.
<i>Plantação dos Citrus</i>.
<i>Adubação do trigo, milho, centeio, cevada e aveia</i>.
<i>Colheita da azeitona</i>.
<i>Colheita dos cereais</i>.
<i>Colheita das forragens</i>— Fenação.
<i>Como se rejuvenesce uma oliveira</i>.
<i>Cultura da cevada e aveia</i>.
<i>Cultura da batata</i>.
<i>Cultura do trigo</i>.
<i>Alimentação dos coelhos</i>.
<i>Alimentação do gado vacum</i>.</p> | <p><i>Chocadeiras e criadeiras</i>.
<i>Como se faz a seleção de galinhas</i>.
<i>Doenças dos porcos</i>— Como se distinguem e como se curam.
<i>Doenças do gado bovino</i>— Como se distinguem e como se curam.
<i>Doenças do gado ovino e caprino</i>— Como se distinguem e como se curam.
<i>Doenças das galinhas</i>— Como se distinguem e como se curam.
<i>Doenças do cavallo</i>— Como se distinguem e como se curam.
<i>Patos</i>— Produção de carne e ovos.
<i>Farmácia do criador de gado</i>.</p> |
|--|---|

Incubação artificial.
Gestação e parto na vaca.
Como se tratam os animais domésticos —
Pensos — Pequenas operações.
Higiene e doenças dos coelhos.
Enxertia da Videira.
Esgôto dos terrenos pantanosos.
O A B C da cultura da oliveira.
Raízes forraginosas.
Sementes — Sua escolha e preparação.
Poda da Videira.
As culturas intercalares na vinha.
Vides americanas.
O mildio e o oídio.
Doenças da Vinha.
Insectos que atacam a vinha — Como se combatem.
Poda das árvores ornamentais.
Poda e adubação da oliveira.
Viveiros.
A pereira.
A macieira.
A amendoeira.
A figueira.
Produção da uva de mesa.
Preceitos gerais para a cultura das árvores de fruto: Solo, Exposição e Clima.
Doenças dos Pessegueiros, Damasqueiros e Ameixieiras.
Colheita e conservação da fruta.
Secagem da fruta.
Secagem das uvas e dos figos.
Embalagem de frutos.
Adubação das plantas hortenses.
Culturas forçadas.
Couves.
Cenouras, beterrabas hortenses e rabanetes.
Couve-flor.
Cultura da cebola.
O morangueiro.
Cultura do meloeiro.
Plantas melíferas.
Plantas medicinais.

O castanheiro.
A nogueira.
Os carvalhos.
Eucaliptos.
O desbaste e o corte das árvores florestais.
Vinificação racional.
Vinificações anormais.
A conservação racional do vinho.
Lagares, esmagadores e prensas para vinho.
Análise dos mostos e dos vinhos.
Correcção dos mostos e dos vinhos.
Doenças e alterações dos vinhos.
Como se engarrafam vinhos.
Aguardentes.
Calendário do apicultor.
O mel.
A cera.
Colmeias móveis.
A amoreira e o bicho da seda.
O A B C da sericicultura.
Estábulos.
Cavalariças.
Pocilgas.
Ovis.
Galinheiros.
Canis.
Abegoarias.
Silos.
Reprodução das árvores de fruto: Sementeiras, transplantações, plantações de estaca e mergulhia.
Reprodução e multiplicação das árvores de fruto — Enxertia.
Bombas para poços.
Os motores na lavoura.
Charruas e grades.
Semeadores e sachadores.
Debulhadoras, descarroladores, tararas e crivos.
Pequenas máquinas agrícolas.
Como se levanta a planta de um terreno

E outros.

Ver condições de assinatura das **Cartilhas**
do Lavrador na segunda página da capa

Preço deste volume
vendido avulso 7\$50

ESCRITÓRIOS:
Avenida dos Allados, 66
PORTO